

BERTA LUCIA

— a santa prudentina —



*Amanda Monteiro, Ana Caroline Nezi, André Esteves,
Daniel Lucena, Itamar Batista e Tainá Cassiana*



189

189

BERTA LUCIA
A santa prudentina

AMANDA MONTEIRO
ANA CAROLINE NEZI
ANDRÉ ESTEVES
DANIEL LUCENA
ITAMAR BATISTA
TAINÁ CASSIANA

BERTA LUCIA
A santa prudentina

LIVRO-REPORTAGEM

Supervisão de
TCHIAGO INAGUE

TÍTULO

Berta Lucia: a santa prudentina

SUPERVISÃO

Tchiago Inague

DIAGRAMAÇÃO

André Esteves e Itamar Batista

CAPA

Gustavo Toledo e Itamar Batista

FOTOS

Amanda Monteiro, Ana Caroline Nezi, André Esteves, Daniel Lucena, Itamar Batista e Tainá Cassiana

200.92
B536

Berta Lucia: a Santa prudentina: livro-reportagem /
Amanda Monteiro... [et al.] ; supervisão de Tchiago Inague
– Presidente Prudente: Universidade do Oeste Paulista,
Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente,
2017.

113 p. : retrs.

Bibliografia.

1. Berta Lucia, Santa. 2. Religiosidade. 3. Reportagem
como forma literária. I. Monteiro, Amanda. II. Título.

Ficha elaborada pela bibliotecária:
Adriana Maria Evaristo Martinez de Oliveira - CRB 8/4322

[2017]

Todos os direitos reservados à

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE
UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA

Rodovia Raposo Tavares, km 572

19026-310 – Limoeiro

Presidente Prudente – SP

Tel. (18) 3229-2003

www.unoeste.br

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da universidade.

*Eu já de há muito tempo vos espio
Na vossa estranha caminhada.
Como quisera estar entre o vosso cortejo
Para viver entre vós a minha vida humana...
Talvez, unido a vós, solto por entre vós
Eu pudesse quebrar os grilhões que vos prendem...
Sou bem melhor que vós, almas acorrentadas
Porque eu também estou acorrentado
E nem vos passa, talvez, a ideia do auxílio.
Eu estou acorrentado à noite murmurosa
E não me libertais...
Sou bem melhor que vós, almas cheias de humildade.
Solta ao mundo, a minha alma jamais irá viver convosco.
Eu sei que ela já tem o seu lugar
Bem junto ao trono da divindade
Para a verdadeira adoração.
Tem o lugar dos escolhidos
Dos que sofreram, dos que viveram e dos que compreenderam.*

Vinícius de Moraes, Místico, 1993

SUMÁRIO

PRÓLOGO	11
PARTE I: O FENÔMENO	17
Berta Lucia	19
Transferência de cemitério	27
Religiosidade popular	31
Perspectivas de canonização	37
PARTE II: OS DEVOTOS	53
Ivanilda Garcia Fukaya	55
Luiz César Teixeira da Silva	59
Francisco Ferreira Nobre	63
Alessandra Mataruna	67
Claudineia da Silva	71
Augustina Martins de Padula	75
Luisa de Souza	79
Olga de Andrade Zaupa	83
Berta Lucia da Silva	87
PARTE III: A REPERCUSSÃO	91
Nas páginas dos jornais	92



PRÓLOGO

“Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas
que não vemos”
Hebreus 11:1

Embora seja incerto afirmar como e quando começou, uma cena comum transcorre todos os anos no Cemitério São João Batista, localizado na cidade de Presidente Prudente, a aproximadamente 600 quilômetros da capital do Estado de São Paulo. Em meio a um expressivo contingente de pessoas, que reserva pelo menos uma hora do seu dia para visitar os entes queridos ao longo do dia de finados, uma movimentação se destaca na quadra 39, no lote 59. Ali está erguida a capela da menina Berta Lucia Fonseca, falecida em 16 de fevereiro de 1944 em virtude de uma meningite, como confirma o laudo médico, um dos únicos rastros da existência da garotinha de quatro anos, com exceção de algumas poucas fotos.

A administração pública estima que, do total de 30 mil pessoas que passam pelo cemitério nessa data anualmente, cinco mil fazem uma parada no túmulo de Berta Lucia. Enquanto alguns chegam ao lugar conduzidos pela curiosidade, muitos são movidos pela certeza de que ali jaz um ser humano especial. Além da permanência curta e livre de pecados (o que automaticamente lhe garante um espaço no Reino dos Céus, conforme a crença religiosa), a negação de uma infância feliz, interrompida pelo efeito de uma doença fatal, é, por si só, a fagulha necessária para acender a chama da compaixão popular. Assim como Maria Bueno, a santinha de Curitiba¹, e Antônio Marcelino, o Menino da Tábua², entre inúmeros outros, Berta Lucia é um exemplo claro de como as tragédias corroboram para a construção dos santos locais.

Seria presunção apontar qual o verdadeiro motivo que impulsionou a conversão da menina em santa, contudo, na ausência de respostas precisas, a juventude marcada pela tragédia é um dos argumentos que podem servir como justificativa. Seja qual for a precedência, o que se imprime na mencionada capela da referida quadra 39, do citado lote 59, é um verdadeiro fenômeno de devoção. As portas do cemitério mal se abrem no feriado e já surgem os primeiros rostos, as mãos unidas, os pés arrastando-se em direção a um sepulcro que, sob seus olhos, ganham status de altar. A estrutura, que se assemelha a uma casa de boneca, com a porta rosa e o corrimão da escada na mesma cor, é apertada demais para conter mais que uma dúzia de gente, logo a fila se torna inevitável.

No interior da capela, uma foto da menina é o ponto ao qual os olhos dos romeiros se dirigem. Resistente ao tempo, o retrato ficou encarregado de eternizar a aparência ingênua e infantil de Berta Lucia. Diferentemente de santos mais antigos, cujas feições precisavam ser representadas por meio de esculturas ou pinturas, a existência da garotinha é efetivamente preservada pela fotografia, fidedigna e real. Nas paredes, esculturas de santos legitimados pela Igreja Católica dividem espaço com bonecas suspensas no ar por suportes, bem como placas votivas, que imortalizam as graças alcançadas pelos devotos e atribuídas a Berta Lucia. As bonecas são, a propósito, a principal recompensa pelos milagres concedidos.

¹ Maria Bueno passava por um matagal numa noite de janeiro de 1893 quando foi assassinada pelo soldado do Exército, Ignácio José Diz, com quem supostamente teria tido um relacionamento. Comovida com o fato, a população passou a frequentar o túmulo da vítima e, mais tarde, agradecer aos pedidos atendidos.

² Paralítico, o menino, como a própria alcunha deixa explícita, vivia preso a uma tábua e, devido ao seu estado físico, era visto como um anjo, o que motivou a credence popular em sua figura. Se fossem recebidas por ele com um sorriso, as pessoas teriam uma boa vida, mas caso ele chorasse, seria um mau presságio. Ao falecer, seu túmulo em Maracá (SP) passou a receber romeiros que fazem preces e orações.

Ao deixarem a capela, muitos saem reanimados pela esperança de que terão seus pedidos atendidos, enquanto outros vão embora com o coração leve pelo débito recém-liquidado. Após estabelecer um acordo com a santa, cumprir a promessa torna-se fundamental a fim de manter os laços renovados. Defronte ao sepulcro, há ainda uma torneira que permanece à disposição dos visitantes. O fato de ter como pano de fundo a capela de Berta Lucia favorece a crença de que a bica possui capacidades sagradas. Assim, quem beber de sua água estará protegido pela menina.

Há outros que acreditam que a água tem propriedade curativa e, quando aplicada na região do corpo afligida por qualquer dor ou sofrimento, é capaz de aliviar os sintomas ou dar cabo deles. Desta forma, são muitos os que aproveitam o dia de finados para se curvar diante da torneira e, com as mãos em conchas, levar a água até a boca ou esfregá-la nos braços, rosto e cabeça. Seja qual for a efetividade do seu uso, um sentimento é partilhado indiretamente por todos: o de estar lavando a alma. Não raro, acondicionam a água em uma garrafinha e levam para casa como uma extensão de sua peregrinação, assim como um turista que volta de uma viagem trazendo na mala algum souvenir.

Embora situações como essa sejam presenciadas especificamente no dia de finados, quando todas essas pessoas, independentemente de serem devotas, simpatizantes ou simplesmente curiosas, se organizam involuntariamente para a ida ao suposto santuário, processo ao qual dá-se o nome de culto coletivo, a fé em Berta Lucia ultrapassa os limites do Cemitério São João Batista ao final do dia e não se restringe apenas ao feriado em questão.

No cotidiano, do mesmo modo que qualquer santo canonizado, a menina é incluída nas orações dos devotos. Seu retrato chega, inclusive, a compor altares domésticos ou ser guardado na carteira. Enquanto determinados santos se mantêm distantes dos fiéis pela história e próximos por meio da fé, o que distingue Berta Lucia deles é, além da proximidade pela crença, o fato de ter vivido no mesmo chão onde muitos desses indivíduos pisam dia após dia.

O fenômeno de devoção descrito acima é um fragmento da cultura popular de Presidente Prudente que não pode ser ignorada. Embora o seu estopim permeie o campo da subjetividade, as manifestações que dele se derivam anualmente constituem-se em uma realidade social concreta e, portanto, dizem respeito ao estudo das ciências sociais: não cabe a nós comprovar a autenticidade da relação firmada entre ser humano e o denominado ser celestial, mas é de nossa competência estudar de que forma isso se estabelece e quais são as suas intervenções no modo de agir e pensar de uma comunidade.

Basicamente, foi esta a linha de pensamento que justificou o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Livro-reportagem: a influência de Berta Lucia na religiosidade popular*, o qual se propôs a demarcar a história da menina e os discursos que mantêm o fenômeno religioso resistente ao tempo. Uma vez que a Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente determina que a pesquisa científica seja sucedida por sua aplicação em uma peça jornalística, os autores decidiram que o livro-reportagem seria a melhor plataforma para condensar o material investigado e coletado.

Assim, nasceu *Berta Lucia: a santa prudentina*, ao qual o leitor está lendo neste momento. Ao escolhermos um livro-reportagem, nosso objetivo não foi apenas nos valermos da literatura para contar essa história, como também aproveitarmos a matéria-prima da reportagem – a informação – para esclarecer determinados conceitos, que facilitarão a compreensão sobre o tema. Antes de saltarmos para o primeiro capítulo, todavia, é preciso evidenciar certos critérios considerados pelos autores para a escrita:

1. Embora as histórias sejam imunes ao tempo, as pessoas não são. Isso colocou uma pedra em nosso caminho, considerando que as fontes que viveram próximas a Berta Lucia já não estavam mais aqui para compartilhar conosco as suas memórias. A única exceção foi uma das primas da menina, conhecida carinhosamente como Dona Naíca, cujos depoimentos foram omitidos deste livro por entendermos que muitas de suas lembranças foram alteradas pelo processo do envelhecer. Sendo assim, a narrativa foi, em grande parte, construída por meio dos testemunhos da irmã de Berta Lucia, Eliana Galvão Martinelli, que, apesar de ter nascido somente após a morte da menina, cultivava histórias repassadas pela mãe, Ana Fonseca de Oliveira.

2. O velho dito que defende que jornal do dia anterior vira embrulho de peixe na feira tem a nossa objeção. No caso deste livro, os periódicos impressos foram fundamentais para a composição da pesquisa, haja vista que não apenas possibilitaram a recuperação histórica do fenômeno devocional em torno de Berta Lucia, como atestam a consolidação, veracidade e resistência das chamadas expressões populares de fé. Para tanto, foram utilizados os acervos do jornal *O Imparcial*, que inicia a cobertura dos eventos na década de 1970, e do *Oeste Notícias*, cuja repercussão já começa em seu primeiro ano de circulação, em 1995, e se estende até 2012 em virtude da sobrevivência do diário. No total, foram consultadas aproximadamente 50 publicações sobre a construção da santidade de Berta Lucia no imaginário popular, veiculadas ano a ano nos primeiros dias de novembro, em função do dia de finados.

3. A longa permanência do referido fenômeno devocional ocorre, sobretudo, porque há romeiros que o renovam todos os anos ao visitar a capela de Berta Lucia no Cemitério São João Batista. Isso posto, a pesquisa esbarrou-se na necessidade de conhecer as motivações dos fiéis e os eventos que fortaleceram a crença na menina. Boa parte deste livro-reportagem é composta, portanto, dos testemunhos de pessoas que “patrocinam” a ideia da santidade de Berta Lucia. As estórias aqui compiladas foram contadas do ponto de vista dos seus emissores e refletem seus estímulos, emoções, preconceitos e o modo de interpretar ou assimilar a realidade, cabendo apenas aos leitores o juízo de valor. A reprodução dessas narrativas visa evidenciar os discursos que favorecem a continuidade do fenômeno, sem a intenção de imprimir à obra qualquer posição religiosa.





Parte I

O FENÔMENO



AGRADECU POR
UMA GRACA
ALCANCA
04-11-99

Capítulo um

BERTA LUCIA

“Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com Ele, aqueles que Nele dormiram”

1 Tessalonicenses 4:13-14

Ainda que seja conhecida popularmente como “a santa prudentina”, Berta Lucia Fonseca não é natural de Presidente Prudente. Conforme identificado em seu atestado de óbito, a menina nasceu em Cataguases, no Estado de Minas Gerais, em 15 de novembro de 1939. Ainda com pouca idade, ficou órfã de pai, que faleceu em um acidente de caminhão que transportava ferro, na cidade de Friburgo, no Rio de Janeiro. Em decorrência disso, sua mãe, Ana Fonseca de Oliveira, decidiu que era chegada a hora de refazer a vida em um novo lugar. Foram 1.125 quilômetros percorridos até chegar ao município paulista.

Na década de 1940, a Vila Goulart, fundada em 14 de setembro de 1917 com o objetivo de servir como apoio para as relações comerciais envolvendo a negociação de terras, já se consolidava com um centro comercial que prestava serviços para toda a Alta Sorocabana, o que atribuía a Prudente o seu potencial de capital regional.

A abertura de indústrias começava a ganhar força neste cenário: enquanto em 1931, apenas 17 empreendimentos industriais funcionavam na cidade, o número saltou para 138 em 1940 – 121 estabelecimentos a mais –, responsáveis por gerar emprego a 655 pessoas. O perfil industrial da época era voltado à agricultura e se propunha a atender a produção de algodão e de carne e couro. Já em termos de população, a estimativa era de 70.516 pessoas, sendo que, deste total, 12.637 povoavam a zona urbana e 57.879 viviam na zona rural.

Inicialmente, Ana e Berta Lucia moraram em uma chácara nas imediações da região onde atualmente está concentrado o cemitério municipal. Mais tarde, elas se mudaram para a pacata Rua Casemiro Dias, que delimitava a Vila Nova, onde ficaram próximas da irmã e do cunhado de Ana, que detinham melhores condições de vida e ajudavam as duas em caso de necessidade.

Durante os seus primeiros anos em Prudente, a mãe da menina levava a vida como empregada doméstica e, para não deixar a filha sozinha em casa, a conduzia até o seu local de trabalho. No colo de Berta Lucia, ia o gato preto que tanto estimava. Em uma de suas poucas entrevistas para os periódicos locais, Ana afirmou que, após pouco mais de três anos desde sua chegada a Prudente, começou a ter visões nas quais vislumbrava o seu marido e pai da menina. Nestas aparições, o prenúncio era claro e incisivo:

– Venho buscar a menina antes que você se case novamente.

Embora ficasse impressionada com o presságio, a viúva nunca chegou a levar a sério as palavras do falecido esposo. O tempo era curto para se preocupar com besteiras

e deveria empregá-lo no que realmente importava – trabalhar a fim de prover Berta Lucia com dignidade. Na publicação veiculada pelo jornal *O Imparcial* em novembro de 1984, Ana relatou que, no último domingo junto de sua filha, a menina também alertou a morte iminente:

– Mãezinha, tenho tanta pena de você. A senhora trabalha tanto e vou ter que deixá-la sozinha – disse Berta Lucia, voltada para a progenitora. Assim como nos eventos envolvendo o marido, Ana considerou a declaração da menina indigna de atenção.

No dia seguinte, um novo diálogo entre mãe e filha indicava a proximidade do fatídico episódio:

– Bertinha, eu estou com vontade de cortar um pouco os teus cabelos, pois eles estão compridos e faz muito calor – sugeriu Ana enquanto penteava-lhe as madeixas, sempre descritas como compridas.

– Não faça isso, mamãe, porque quem vai cortar os meus cabelos será Jesus e ninguém mais – emendou a menina. A fala esperta para a tenra idade não causa estranheza na irmã de Berta Lucia, Eliana Galvão Martinelli, a quem foi repassado que a garota conversava com as pessoas como um adulto e dispunha de uma articulação que enchia seus interlocutores de encanto.

A reportagem descreve que, poucas horas depois, Berta Lucia começou a apresentar os primeiros sintomas da doença que vinha lhe roubar a vida. Um copo de guaraná foi seu último pedido antes do vômito e a febre alta se intensificarem. A bebida era a sua favorita, e o tio, que morava perto, prontamente saiu de casa para atender ao desejo da sobrinha.

Preocupada com o quadro de saúde da filha, Ana levou a criança para ser examinada pelo médico pediatra José Cupertino D’Arce, que foi um dos primeiros profissionais desta especialidade em Prudente. Na época, o atendimento médico era prestado em consultórios particulares ou por meio de visitas domiciliares. Aos pacientes sem recursos, não eram cobrados honorários, ao passo que aqueles que precisavam ser internados eram encaminhados aos hospitais locais.

Uma vez que os recursos daquele período eram escassos, os esforços se mostraram em vão. Dentro de 24 horas após o surgimento dos primeiros sintomas, Berta Lucia deixou de existir.

De acordo com o documento lavrado em 17 de fevereiro de 1944, Berta Lucia Fonseca, filha de Luiz Rodrigues e de dona Ana Fonseca, natural de Cataguases e domiciliada e residente em Presidente Prudente, faleceu em 16 de fevereiro de 1944, às 12 horas, na Rua Casemiro Dias, número 665. O atestado de óbito foi firmado por José Cupertino D'Arce (grafado erroneamente como José Lupersino), que deu como causa de morte meningoencefalite.

Conforme o médico prudentino José Eduardo Pinheiro, a mortalidade pela doença é bastante variável, uma vez que depende do tipo de meningite – nome geral que se dá para a inflamação das meninges, estruturas que envolvem o cérebro –, podendo ser viral ou bacteriana. A viral é de menor gravidade e dispõe de um período de incubação mais prolongado e evolução mais benigna. Normalmente, sintomas inespecíficos precedem o quadro. Com relação à bacteriana, a mais grave é a meningocócica, causada pela bactéria *Neisseria meningitidis*, que é considerada a mais grave e apresenta curto período de incubação e evolução mais rápida – o que explicaria a morte repentina de Berta Lucia.

Na casa de Ana, o arroz doce e o grão de bico, chamado pela menina de “carne de bico”, dos quais ela tanto gostava, nunca mais tiveram o mesmo sabor... No rádio, a música preferida da filha – *Sempre no meu coração* – já não era ouvida com alegria. A composição agora se misturava ao silêncio dos cômodos e, ressignificada, parecia falar em nome do coração calado de uma mãe que vivencia o processo inverso da natureza:

A mãe da menina não apenas guardou seu vulto, como a cultivou em suas visões. De acordo a entrevista de Ana para *O Imparcial* em novembro de 1984, em suas aparições, Berta Lucia expressava claramente tudo o que desejava ou que tinha vontade de que fosse feito. Em determinada ocasião, quando se comemorava o Dia das Crianças, a garota “surgiu” com um novo pedido:

– Mãezinha, quero que a senhora pegue vinte mil cruzeiros e leve para as crianças – e nomeou quem deveria receber a quantia.

Com a ajuda de amigas, Ana conseguiu coletar o montante solicitado pela filha e destinou-o para as crianças indicadas por ela.

A mãe de Berta Lucia, descrita pelos familiares como uma mulher muito querida pela população, também passou a dedicar-se a manter a imagem da menina viva para a comunidade. Eliana relata que a casa da matriarca era muito visitada por pessoas que buscavam por oração ou ser benzidas:

– Minha mãe benzia crianças e adultos. Era um dom muito de Deus, um dom que Ele deu para ela e que ela desenvolvia – discorre Eliana, saudosa.

A solidariedade de Ana também é destacada pela freira Maria Cecília Benassi, do grupo Irmãs Franciscanas do Coração de Jesus, responsável pela coordenação da Creche Walter Figueiredo, em Prudente:

– Nos tempos em que a dona Ana era viva, a gente descia até a casa dela. Conosco, ia um grupo de crianças. Visitávamos o quarto de Berta Lucia, que tinha uma coleção de chaveirinhos de bonequinhas. A dona Ana fazia questão de servir toda a criançada da creche com copos de guaraná, homenageando a filha.

Algum tempo após a morte de Berta Lucia, Ana decidiu começar uma nova família e se casou com Evangelista Galvão de Oliveira. Do segundo matrimônio, nasceram, em 1947, Roberto Galvão de Oliveira, e, em 1952, Eliana Galvão. Dentre eles, Eliana é a única que permanece viva. Seu irmão faleceu em 10 de outubro de 2002, vítima das complicações de um aneurisma. Em vida, Roberto fora proprietário de uma agência de turismo – a Prudentur – e também responsável por cuidar da capela de Berta Lucia.

– Desculpa eu falar, mas homem é meio largado – comenta Eliana. – Eles não querem saber de médico, e têm que fazer o acompanhamento. Além de não cuidar da pressão, meu irmão não se alimentava direito. Era só lanche.

Como se a perda de uma filha já não bastasse, Ana via mais um dos seus partir. Incapaz de suportar mais dor, a boa mãe faleceu em 31 de agosto de 2003.

– Morreu do coração, que estava bem fraquinho – justifica Eliana.

Em 17 de novembro do ano seguinte, Evangelista veio a óbito. Três mortes sucessivas em pouco mais de um ano. Para Eliana, um luto seguido por outro, como se ao resistir contra uma onda, fosse imediatamente carregada por outra.



BERTA LUCIA

★ 15 - 11 - 1939

† 16 - 02 - 1944

SAUDADE DA FAMILIA

Capítulo dois

TRANSFERÊNCIA DE CEMITÉRIO

“Retorne ao seu descanso, ó minha alma,
porque o Senhor tem sido bom para você!”

Salmos 116:7

A pesar do sepulcro de Berta Lucia estar situado no Cemitério São João Batista, nem sempre os restos mortais da menina estiveram depositados ali. Isso porque, inicialmente, o cemitério municipal era localizado onde hoje está instalado o Terminal Rodoviário Urbano “Comendador José Lemes Soares”, migrando, posteriormente, para a Rua José Bongiovani.

De acordo com a pesquisadora Heloísa Leite Bernardes, durante a década de 1920, a Vila Goulart consistia no atual quadrilátero central de Presidente Prudente. Visando a expansão territorial e urbana da cidade, Coronel Goulart implantou a Vila Nova, que era delimitada pelas Avenidas Manoel Goulart, Casemiro Dias, Marechal Deodoro e Coronel José Soares Marcondes. A Vila Nova era a área de intervenção escolhida por abranger, naquele período, o cemitério municipal, ali implantado até a década de 1930.

Como não atendia mais às necessidades do município, transferiu-se a necrópole para a Rua José Bongiovani, onde, em 1947, foi inaugurada sob o nome de Cemitério Municipal São João Batista. O antigo espaço deu lugar, em 14 de setembro de 1974, ao novo Terminal Rodoviário da cidade.

Conforme o historiador Ronaldo Macedo, em virtude do crescimento territorial e urbano de Prudente, a ideia foi tirar o cemitério municipal de onde estava concentrado e levá-lo para “fora da cidade”, numa área mais isolada, além do Córrego do Veado, que era uma limitação para a expansão da cidade. Tal área só passou a receber movimento depois da década de 1960 com a chegada do Jardim Bongiovani, quando ocorreu a abertura de novos bairros e a extensão da Avenida Coronel José Soares Marcondes além do Córrego do Veado, possibilitando o acesso a uma zona que anteriormente era rural.

Com a mudança, os restos mortais da garota migraram para o cruzeiro do cemitério, onde foram enterrados até, mais tarde, serem deslocados para o espaço onde se ergueu a capela, cujo primeiro aspecto é diferente daquele que a população conhece hoje. A estrutura foi um presente de um descendente de japonês não identificado, que afirmava que a menina lhe curara de uma doença.

Atualmente, quem cuida da capela é o funcionário público aposentado, João de Souza, que dedicou boa parte de sua vida ao serviço de limpeza do São João Batista. Ele ainda é responsável pela manutenção de 15 túmulos e o sepulcro de Berta Lucia, ao qual presta serviços gratuitamente. A princípio, ele acompanhava a dedicação constante de Ana para manter a capela sempre

conservada, muitas vezes até por mais de dez horas nos dias em que o visitava. Em determinado momento, o zelador começou a auxiliá-la com a limpeza, sem fazer qualquer cobrança. O gesto foi uma forma que encontrou de retribuir a generosidade da mulher para com ele.

– Ela era uma senhora forte, gorda e uma pessoa muito boa. Me dava tanta coisa, presentes... – recorda-se o zelador. – Com tudo aquilo, eu nunca quis saber de cobrar. Há tantas pessoas ricas que não têm tempo de vir ao cemitério e pagam para a gente zelar, mas aqui até hoje eu nunca cobrei.

Com o falecimento da mãe, Eliana ficou responsável pela capela, embora João tenha assumido a tarefa de manter o lugar em ordem.

– Assim que a minha mãe faleceu, fiquei encarregada pelo local. Só que o seu João está na frente – diz a mulher.

– O seu João sempre esteve, não é? – emenda o marido de Eliana, Augusto Martinelli. – Porém, quem resolve tudo o que acontece é a minha esposa.

– Ele liga ou vem até a minha casa me comunicar. Mas agora faz uns bons anos que as coisas estão tranquilas, graças a Deus, pois antes a capela era alvo constante de vandalismo.

A atual fachada da capela de Berta Lucia foi viabilizada com recursos do ex-prefeito de Prudente, Agripino de Oliveira Lima Filho. João narra que Eliana se dispôs a arrecadar recursos para reformá-la. Augusto, em uma conversa com Agripino, apresentou o propósito da esposa, informando-lhe que pretendia montar uma rifa com as bonecas que eram deixadas pelos devotos, a fim de conseguir o dinheiro para a restauração. O zelador afirma que o ex-chefe do Executivo repentinamente recusou a ideia e se prontificou a enviar pedreiros ao local para iniciar a revitalização da capela. Com isso, a estrutura ganhou o aspecto que possui hoje.

– A última reforma que a gente realizou, eu tive o prazer de acompanhar. Antes disso, a capela inteira sempre foi feita aos pouquinhos, então tinha um piso de cada jeito. O povo é que fazia, logo, cada um ajudava como podia – descreve Augusto.



AGRADEÇO POR
UMA GRACA
ALCANÇADA
04-11-99



BERTA
LUCIA

Agudeço a Jesus de la cruce por la muerda
mulla soude hej con 23 años e l'ante q'eto an
fate ano.
Desta beza e para meu neto que nasceu
e fale
desta beza e para a guerra do l'ante q'eto
desta beza e para a guerra do l'ante q'eto



Capítulo três

RELIGIOSIDADE POPULAR

“Voltando-se, Jesus a viu e disse: ‘Ânimo, filha, a sua fé a curou!’. E desde aquele instante a mulher ficou curada”
Mateus 9:22



Uma série de discursos favoreceu a concepção da santidade de Berta Lucia, no entanto, o principal deles partiu de sua própria mãe, que, além de ser bastante conhecida por sua generosidade e benzer aqueles que a ela recorriam – qualidades que lhe garantiam credibilidade junto aos seus amigos e comunidade –, foi também responsável por difundir o suposto primeiro milagre operado pela filha após a morte. A história não só ganhou o povo, como também as páginas dos jornais, que reiteraram o fato ano a ano e contribuíram para a sua documentação.

Na ocasião do evento, Eliana, que ainda era um bebê com oito meses de idade, estava sentada em um colchonete estendido no chão da cozinha, quando uma panela de pressão explodiu e derramou todo o feijão superaquecido sobre ela. Desesperada com o acidente, Ana voltara suas preces para Berta Lucia:

– Ô, minha filha Berta Lucia, Deus já te levou, não deixe que nada aconteça com a sua irmã. Eu não aguento ficar sem mais um!

– Calma, comadre! – replicou a madrinha de Eliana, que morava na vizinhança e chegara apressada na casa. – Calma, porque não vai acontecer nada.

Juntas, as duas colocaram a criança sob a água e, ao lavá-la, perceberam que ela não apresentava uma bolha de queimadura sequer no corpo.

Pouco tempo depois, o irmão de Berta Lucia, Roberto, também se envolveu em um acidente doméstico. O garoto foi queimado por uma espiriteira de álcool, a qual, conforme relata a mãe, não deixou sequelas graves graças à intervenção da filha.

Conforme relata Eliana, além dos episódios descritos, a mãe afirmava sentir a presença de Berta Lucia e, por intermédio dela, benzia e curava as crianças, principalmente aquelas que tinham dificuldades para pegar no sono durante a noite. Após a oração, elas passavam a dormir tranquilamente. Acredita-se, desta forma, que a popularidade de Ana como benzedeira contribuiu para a construção da santidade da filha no imaginário popular, uma vez que as pessoas acreditavam que o suposto dom da mulher era resultado da intercessão de Berta Lucia, que já operava pequenos milagres por meio da matriarca.

Não leva muito tempo para que as referidas graças transitem do ambiente doméstico para o espaço urbano, onde gradualmente ganham força pelo famoso “boca a boca”. Configura-se, a partir de então, uma prática sociológica que recebe o nome de religiosidade popular. Diferente de religião, que diz respeito ao conjunto de dogmas de uma instituição, a expressão religiosidade traduz as diversas manifestações que surgem

da humanização do sagrado por parte do próprio povo; por isso, é normalmente acompanhada pelo termo popular.

Tais exteriorizações de fé partem de princípios homogêneos, mas a forma como se aplicam no contexto social altera-se de lugar para lugar, influenciadas pelas características socioculturais de cada região; enquanto a religião visa a universalidade, a religiosidade popular tem caráter regional ou, no máximo, nacional.

Embora a Igreja não reconheça as manifestações voltadas aos santos não canonizados, também não restringe nem nega a existência da prática. Teóricos acreditam que muitas das figuras cultuadas nunca chegarão a fazer parte do santoral oficial e nem se aproximam do processo canônico, entretanto, essa condição não as torna menos legítimas aos olhos dos fiéis. A estes devotos, o que importa realmente é a presença de uma história que comprove a sua santidade; a veracidade dela, historicamente falando, é o de menos.

Na esfera pública, a incorporação de Berta Lucia ao imaginário popular é marcada pelo testemunho do mesmo descendente de japonês mencionado anteriormente e do qual não se tem registros. O homem visitara o cemitério acompanhado de uma dor muito intensa e, num ato desesperado, voltara as suas súplicas ao sepulcro da menina. Não tardou para que chegassem aos ouvidos de toda a gente os primeiros burburinhos de que a garota ali sepultada era, na realidade, uma santa milagreira. Como forma de agradecimento pela graça alcançada, o indivíduo providenciou-lhe a construção de uma capela, a qual veio a se tornar o ponto de maior visitação do Cemitério São João Batista.

A promessa de intercessão passou a atrair muitos romeiros, que aproveitavam a visita ao cemitério no dia de finados para conhecer a construção e, sem nada a perder, recorrer ao auxílio de Berta Lucia. Ao local, se dirigiam mulheres que, há muito, sonhavam em ser mães, mas cujos destinos se apresentavam ingratos; mães que rogavam a cura de uma doença para os seus filhos; filhos que buscavam um emprego; solteiras que sonhavam em ser conduzidas até o altar; alunos com o interesse em passar de ano ou conseguir a aprovação no vestibular; e assim por diante.

Uma vez que nem mesmo os santos trabalham de graça, era preciso prometer-lhe uma moeda de troca. Tratando-se a intercessora de uma menina, as bonecas rapidamente se popularizaram, embora também viessem a ser oferecidos outros tipos de brinquedos, arranjos de flores e até mesmo contribuições financeiras, que quando não aplicadas na própria capela, eram destinadas para instituições de caridade.

Como as recompensas pelas bênçãos concedidas se multiplicavam e a construção era pequena demais para abrigá-las, Ana decidiu que deveria dar um fim proveitoso a elas e começou a doá-las para crianças carentes. O hábito lhe acompanhou até o fim da vida, quando foi automaticamente adotado pela filha Eliana, que ainda mantém o gesto solidário.

A mãe de Berta Lucia sempre nutriu um carinho especial por crianças, tanto que, por muitos anos, organizou festas voltadas a este público na capela da filha, em doze de outubro, data em que se celebra o dia das crianças. Coincidentemente, a mulher ficou conhecida por morar na Rua 12 de Outubro, em Presidente Prudente. Neste endereço, ela separou um quarto onde se reproduzia um santuário de Berta Lucia além dos limites do cemitério. Assim como na necrópole, o local recebia visitas de curiosos e também dos pequenos atendidos por creches locais. Tal panorama é descrito por um dos sobrinhos de Ana, Salatiel Fonseca:

– Como a tia benzia, a turma botava uma fé danada nela e em Berta Lucia. Você chegava na casa e tinha um quarto que era lotado de bonecas e chaveiros – relembra o homem, que não chegou a conviver com a prima santa. – Eu ia direto na casa da tia Ana e, até eu completar meus 17 ou 18 anos, ela sempre compareceu aos meus aniversários e me trouxe presentes. Era muito bacana comigo.

Em vida, a mãe de Berta Lucia trabalhou arduamente para atrair a maior quantidade possível de visitas ao sepulcro da filha. Apesar da ocorrência do fenômeno ser mais expressiva no dia de finados – por ser a ocasião na qual as pessoas normalmente se deslocam até os cemitérios –, a movimentação no túmulo não estava restrita somente à data. Além da visitação regular no dia a dia, outra data marcante, como íamos dizendo, era o dia das crianças, quando Ana sediava festas para o público infantil na capela e oferecia gratuitamente comes e bebes, entre os quais cabe destacar o guaraná – a bebida favorita da filha.

Não demorou muito para que a fama de Berta Lucia surtisse efeitos negativos na cidade, como um boato de que a menina ficara doente por causa de uma boneca. Supõe-se que a história foi divulgada por uma mulher que se dizia mãe da garota. Eliana descarta a possibilidade de a irmã ter adoecido em razão de um brinquedo, considerando que, embora a mãe dependesse apenas do seu salário como empregada doméstica, os tios da criança buscavam atender a todos os seus desejos. Reitera ainda que o único pedido de Berta Lucia antes da morte foi um copo de guaraná, que o cunhado de Ana prontamente saiu para comprar.

Segundo Eliana, ouvia-se falar que a referida senhora tinha um quarto espaçoso e repleto de bonecas até o teto:

– Na época em que a minha mãe ainda era viva, o boato a entristeceu muito. Eu lhe pedi para que esquecesse isso: ‘Se ela estiver fazendo o bem, deixe estar!’. Uma sobrinha minha protestou: ‘ah, tia, mas é tão injusto’. Então eu respondi: ‘ah, filha, só não quero que ela parta para o lado ruim’ – e acrescenta, justificando: – Porque a Berta Lucia é um anjinho, uma pessoa de Deus. Nós somos todos do lado do bem e o que é Dele, é perfeito.

Os boatos supostamente terminaram com a morte da mulher, há cerca de dois anos.

Ademais, outro ponto que incomodou os familiares de Berta Lucia foram os sucessivos atos de vandalismo contra a capela onde foram sepultados os restos mortais da menina. O zelador João de Souza relata que, certa vez, um homem invadiu a construção e roubou todas as bonecas que ali estavam expostas:

– Gente safada! Ladrão é um bicho danado! Quando quer entrar em lugar, entra! Inclusive, a gente já nem deixa tanta boneca mais...

Nem bonecas, nem festas para as crianças no dia que lhes é dedicado e nem a mesma euforia de antes. Para o zelador, apesar do sepulcro de Berta Lucia continuar recebendo milhares de visitas todos os anos, o fenômeno de fé já não é mais tão intenso quanto fora no passado. O falecimento de Ana, que, durante toda a sua vida, foi a principal patrocinadora dos discursos que fomentaram a construção da santidade da filha, pode ter contribuído para este quadro. Entretanto, João acredita que foram as pessoas que deixaram de visitar menos a necrópole:

– Hoje, no São João Batista, se você andar aí para baixo, não vai encontrar ninguém. Perderam o amor pelo cemitério. Antigamente não: o dia dos pais era lotado, o dia das mães, todos os feriados. Agora acabou. Você não vê uma alma aqui dentro. Tornou-se até perigoso andar sozinho nesse lugar. É mais fácil achar um malandro do que pessoas boas – lamenta o dedicado zelador.



Lucia pela Graça
Alcançada.



AS
DAS

BERTA LUCIA
AGRADEÇO A
VOCE PELO
O EMPREGO
DO MEU
FILHO

Capítulo quatro

PERSPECTIVAS DE CANONIZAÇÃO

“Vocês serão santos para mim, porque eu, o Senhor, sou santo e os
separei dentre os povos para serem meus”

Levítico 20:26

O cheiro que invade a casa é de macarrão recém-saído do fogo. Na ampla sala de estar, o piano se destaca, exuberante. Como não poderia deixar de ser, uma mesa reúne vários porta-retratos com fotos de família, entre as quais está a de Berta Lucia. Sentam-se, à mesa maior e de tampo comprido trabalhado em madeira, Eliana Galvão Martinelli e seu esposo, Augusto Martinelli. Antes de começar a entrevista, Eliana questiona se está sendo gravada. A confirmação intimida a mulher, que sempre foi muito reservada. Assim que começa a discorrer sobre a irmã, no entanto, passa a ficar mais à vontade. Todos os conhecimentos de Eliana com relação à irmã são herança de sua mãe. Embora tenha nascido oito anos após a morte de Berta Lucia, cresceu cercada pelas histórias que envolviam o nome da menina.

O falecimento da mãe trouxe para Eliana uma nova responsabilidade. Além de gerenciar a capela de Berta Lucia no Cemitério São João Batista, coube a ela preservar a memória da irmã. Considerando que a santidade da garota é reconhecida há décadas pelos romeiros, seu objetivo agora é oficializá-la junto à Igreja. A funcionária pública aposentada interrompe a entrevista para buscar um caderno que começou a ser preenchido no dia 2 de novembro de 2016. Na ocasião, Eliana pediu para que cada visitante da capela deixasse o seu testemunho sobre a graça alcançada por intercessão de Berta Lucia, bem como seu nome completo e telefone para contato. Ingenuamente, o propósito da mulher era coletar a maior quantidade possível de depoimentos a fim de entrar com o pedido de beatificação da irmã.

Quando questionada a respeito do que sabe sobre o processo e o que fez até o momento, Eliana é sincera:

– Não fiz nada ainda. Minha vida é muito corrida – se justifica. – Eu estava pensando em procurar. Me falaram que primeiro eu tinha que procurar um padre, mas aí o seu Carlinhos [administrador do cemitério] falou: ‘vai direto com o bispo, vai com ele, ele é bacana para caramba’ – relata a mulher. – Esse era um desejo da minha mãe e eu queria realizá-lo antes de partir. Mas, se Deus quiser, vou conseguir, sim. Estou mais preocupada porque dizem que tem que ser adulto para conseguir a beatificação. Criança não pode. É o que eu quero saber com o bispo, por isso vou lá.

E Eliana assim o fez. Suas esperanças, contudo, não voltaram maiores. Isso porque, o processo que almeja é dispendioso, burocrático e pouco acessível. A princípio, a legitimação de um santo era promovida pelos bispos em suas dioceses, o que possivelmente tornava mais simples o procedimento, sobretudo em função da proximidade destes representantes com as histórias locais. Todavia, desde o século

XII, o direito foi reservado ao papado. Além de requerer provas comprobatórias dos milagres concedidos, há ainda a exigência de um relato bio/hagiográfico que garanta os suplícios realizados em nome de Deus. A hagiografia possibilita a criação de um modelo biográfico em volta dos santos dentro de um aspecto moral e exemplar necessário para a mensagem ideológica que a Igreja busca transmitir.

Embora consista em um procedimento complexo, isso não quer dizer que seja incomum. Para se ter uma ideia, quando o pontífice Bento XVI deixou o papado em 11 de fevereiro de 2013, alegando que a saúde frágil era a razão de sua renúncia, anunciou três canonizações: Laura Montoya Upegui, Maria Guadalupe Garcia Zavala e Antônio Primaldo. Acontece que este último veio acompanhado de seus 799 companheiros, todos martirizados pelo exército muçulmano durante sua passagem pela cidade italiana de Otranto, na Apulia, em 29 de julho de 1480, pelo fato de serem cristãos. Com isso, foram santificados de uma única só vez 802 católicos, que se juntaram a um número impreciso de santos, posto que a Igreja atravessou séculos sem ter um processo canônico formal, e muitos daqueles cultuados pela antiguidade acabaram perdidos no tempo.

A comprovação da veracidade destes eleitos foi um passo importante tomado pela instituição, tendo em vista que, no decorrer da história, foram veneradas algumas figuras cujos históricos pareciam ter vindo de um livro de histórias infantis, como é o caso de São Jorge, que enfrentou um dragão na lua – inclusive, a impossibilidade de atestar a sua existência excluiu o culto ao santo do calendário romano.

A Congregação para as Causas dos Santos, assim denominada em 1988 pelo Papa João Paulo II, é o órgão oficial responsável pelo processo canônico. Conforme explica a página institucional da Santa Sé³, cabe à congregação “preparar a cada ano tudo o que é necessário para que o Papa possa propor novos exemplos de santidade. Depois de aprovar os resultados sobre os milagres, martírio e virtudes heroicas de vários Servos de Deus, o Santo Padre procede a uma série de Canonizações e delegará a celebração das Beatificações” (as iniciais maiúsculas foram mantidas de acordo com o texto original). Esta convenção favorece um pouco mais a beatificação e canonização do santo, pois elimina a figura do Advogado do Diabo, alcunha pela qual ficaram conhecidos os Promotores da Fé, que eram encarregados de buscar inconsistências na documentação dos supostos milagres.

³ Enquanto a Cidade do Vaticano refere-se ao Estado, Santa Sé é o termo utilizado para distinguir o governo da Igreja Católica liderado pelo Papa dentro do Vaticano.

Em setembro de 2016, o Estado do Vaticano aprovou o novo Estatuto do Conselho Médico da Congregação das Causas dos Santos, que trazia as seguintes mudanças:

“O texto atual se inspira no regulamento precedente, aprovado pelo Beato Paulo VI, em 23 de abril de 1976. Além da adequação linguística e processual, foram introduzidas algumas novidades, como por exemplo: a maioria qualificada para proceder na análise de um suposto milagre é de pelo menos 5/7 ou 4/6; o caso não pode ser reexaminado mais que três vezes; para a revisão do suposto milagre é necessário consultar os novos membros; o cargo de presidente do Conselho pode ser reconfirmado somente uma vez (5 anos mais 5); devem manter segredo todos aqueles que estudam o suposto milagre: promotores da causa, tribunal, postuladores, especialistas e oficiais do dicastério; o pagamento dos especialistas será feito através de depósito bancário⁴; o subsecretário desempenha para os milagres as funções que a Constituição Apostólica *Divinus perfectionis magister* atribui ao relator”⁵

Na ocasião, também foi apresentada a finalidade do estatuto:

“[...] é o bem das Causas que não pode prescindir da verdade histórica e científica dos supostos milagres. Como é necessário que as provas jurídicas sejam completas, convergentes e confiáveis, assim é necessário que o seu estudo seja efetuado com serenidade, objetividade e competência da parte de médicos altamente especializados, e num nível diferente, pelo

⁴O custo da análise de dois peritos é de 500 euros, enquanto uma consulta médica com sete profissionais é equivalente a 3.760 euros, informa a Ansa, agência de notícias italiana.

⁵Conforme o secretário do dicastério vaticano, Dom Marcello Bartolucci.

Congresso dos teólogos consultores e pela sessão dos cardeais e bispos para, enfim, ser aprovado pelo Santo Padre que tem a competência exclusiva de reconhecer um evento extraordinário como milagre verdadeiro. Este regulamento diz respeito somente ao bom funcionamento do Conselho Médico, cuja tarefa é cada vez mais delicada, comprometedora e, graças a Deus, apreciada dentro e fora da Igreja”⁶

Ressaltou-se ainda a ponderação dos milagres como instrumento fundamental do processo canônico:

“Os milagres não são eventos marginais ao Evangelho e às Causas dos Santos. Jesus anunciou o Reino de Deus com palavras e sinais messiânicos que realizava para tornar transparente a sua identidade, crível a sua missão e para antecipar as novidades finais do mundo redimido. A mesma coisa pode ser dita para os santos. Os milagres, que eles obtiveram com a sua intercessão, são o sinal da presença de Deus na história e ao mesmo tempo, são a confirmação de sua santidade, manifestada primeiramente no exercício heroico das virtudes cristãs ou no martírio. A Igreja é convicta de que nos milagres dos santos está o dedo de Deus que ratifica, por assim dizer, o juízo humano sobre a sua santidade de vida. Esta visão faz parte do sentir da Igreja e foi reiterada várias vezes pelo magistério ordinário até os pronunciamentos de Bento XVI e do Papa Francisco. É historicamente certo que os milagres sempre foram um assunto decisivo para a canonização dos Servos de Deus”⁷

⁶ Conforme o secretário do dicastério vaticano, Dom Marcello Bartolucci.

⁷ Idem.

Obispo da Diocese de Presidente Prudente, Dom Benedito Gonçalves dos Santos, explica que toda pessoa antes de ser designada santa, é beata. Este último título é concedido ao indivíduo com alto grau de santidade e bondade, enquanto a denominação de santo é dada ao sujeito que Deus passa a desejar como seu intercessor. Para Berta Lucia ser considerada inicialmente beata, provas são necessárias. Entretanto, a idade com que faleceu interfere diretamente no processo, uma vez que uma pessoa só pode ser reconhecida como beata quando canaliza a razão para o bem; no caso de uma criança, isso ocorre a partir dos sete anos – Berta Lucia faleceu aos quatro. Conforme o religioso, aquelas que morrem antes da idade preconizada pelo corpo eclesial são por natureza santas, pois eram livres de pecados.

O eclesial esclarece que, caso a Igreja concordasse em canonizar Berta Lucia, o percurso adotado seria o mesmo que é aplicado aos demais, sem qualquer distinção pelo fato de se tratar de uma criança. Contudo, em sua avaliação pessoal, há muitos que morreram na mesma condição da menina e não ganharam destaque semelhante – provavelmente em virtude dos períodos nos quais os episódios ocorreram:

– Na década em que Berta Lucia faleceu, os costumes eram outros e a cidade ficava muito emocionada por qualquer coisa. As pessoas rezavam por ela porque viam mais o sofrimento da mãe do que o da filha. Ela adoeceu e morreu; quem sofreu mesmo foi a família – avalia. – De qualquer forma, toda pessoa batizada é naturalmente santa. É um filho de Deus que não cometeu pecado, logo, vai para o céu. O único pecado que tinha era o original, mas este foi absolvido com o batismo. Embora eu tenha prometido à Eliana me informar mais sobre a causa dos santos, estou seguro de que, com relação ao processo canônico, Berta Lucia estava muito longe de ter o uso da razão. Muito longe.





No dia de finados, capela de Berta Lucia é o túmulo mais visitado do Cemitério São João Batista





Devotos acendem velas para a santa prudentina



Fé e curiosidade mobilizam fiéis de toda a região



Água da torneira localizada defronte ao túmulo é considerada curativa



Bonecas decoram o interior da construção onde Berta Lucia foi sepultada





O zelador João de Souza cuida da capela sem cobrar honorários



A irmã de Berta Lucia, Eliana Galvão Martinelli, acompanhada de seu esposo Augusto



Parte II

OS DEVOTOS

RODOFRIO

Diesel e Elétrico

RD44



Acoplado e Elétrico
OU
Somente Acoplado

RD04 N



Diesel e
Elétrico

RD30



Sempre Inov... eraturas



Documentos e formulários sobre o produto RODOFRIO, incluindo especificações técnicas e informações de contato.

IVANILDA Garcia Fukaya

“Enquanto eu estiver viva, vou agradecê-la. Você pode ir ao cemitério todos os anos e me verá lá com as minhas bonecas”

Quando aos quarenta anos de idade, Ivanilda foi surpreendida com a descoberta da terceira gravidez, rapidamente foi tomada pela sensação de estar pisando em ovos. Uma gestação em idade avançada costuma vir acompanhada de desafios e seu caso não era uma exceção. Ao sentar-se frente a frente com o médico, a franqueza do profissional foi um baque certo: os próximos meses seriam delicados e a probabilidade de haver riscos após o nascimento não era nula.

Naquele momento, os pensamentos de Ivanilda voltaram-se aos tempos da meninice, época em que ainda morava nas imediações do Jardim Aviação, em Presidente Prudente, e a moradora Ana Fonseca de Oliveira era uma figura bastante conhecida nas redondezas. A mulher carregara no útero a menina a quem agora tomavam por santa.

Naqueles anos, já corriam pelas ruas da cidade os murmúrios de que Berta Lucia Fonseca agraciava a quem nela depositava a sua confiança. E, como desde os primórdios, as relações humanas foram construídas com base na moeda de troca, nem mesmo aqueles considerados santos ficaram imunes a isso. Para recorrer a Berta Lucia, era preciso estabelecer um contrato, no qual ficava assegurado que, ao ser atendido, o crente retribuiria a sua credora. Ivanilda assim o fez. Levaria ao sepulcro uma boneca que falasse e chorasse, caso a denominada santa lhe desse uma outra boneca, que também chorasse e viesse a falar. Embora as semanas seguintes tenham sido marcadas por muito sofrimento, a crença e a força materna mantiveram a gravidez e, ao oitavo mês, a filha chegou ao mundo. Ciente da promessa em débito, Ivanilda levou o brinquedo anunciado até o túmulo de Berta Lucia e certificou-se de repetir o gesto anualmente em todo dia de finados, pelo resto de sua vida.

Na casa de Ivanilda, o acordo com a menina santa não era apenas exclusividade sua. Quando soubera da gravidez de alto risco, o marido também se propôs a recompensar Berta Lucia se a filha viesse saudável. Após o nascimento, por cerca de quatro anos, encarregou-se de montar um ramallete com aproximadamente trezentas rosas e distribuí-las entre os romeiros que visitavam o sepulcro de Berta Lucia, para que ali as depositassem. Enquanto o gesto do esposo teve data de validade, a resignação de Ivanilda perdurou, de modo que nem mesmo a mudança de continente impediu que o pacto firmado fosse esquecido. Junto com a família, a mulher fez as malas para o Japão, onde morou por cinco anos. Nesse ínterim, Ivanilda não pode estar aos novembros no Cemitério São João Batista, entretanto, garantiu que alguém intermediasse a entrega da boneca para a menina a quem sentia dever a vida da filha.

Quando voltou ao Brasil, Ivanilda não retornou de imediato a Prudente, mudando-se temporariamente para Sinop, no Estado do Mato Grosso. A mais de 1.600 quilômetros de distância da capital do oeste paulista, tomou o cuidado de preservar o procedimento que aplicava enquanto morava no lado oposto do mundo: pedia para que o irmão ou a sogra comprasse a boneca e, em seu lugar, fizesse a gentileza de colocá-la no túmulo de Berta Lucia.

Anos mais tarde, o equilíbrio de Ivanilda foi novamente testado. Ciente de que a menina santa havia lhe ocorrido quando mais necessitou, a mulher valeu-se mais uma vez da bondade dela. Nesta ocasião, já não rogava como mãe, mas como avó. O neto nascera com deficiência em um dos rins e precisou passar por uma cirurgia. O tratamento, em seguida, teve de ser feito em unidades hospitalares mais bem equipadas e, por isso, a família de Ivanilda precisou deixar tudo que haviam conquistado em Sinop para obter melhores condições ao menino em outras cidades. Além do problema renal, o neto também veio ao mundo surdo e, já pequeno, foi submetido a um implante coclear, na tentativa de evitar que a deficiência auditiva impedisse o seu desenvolvimento. Atualmente com oito anos, o garoto ainda tem dificuldades de aprendizado, em função da audição tardia, mas vive uma infância feliz e sem privações. Para Ivanilda, os obstáculos superados pelo neto têm o dedo de Berta Lucia envolvido e, por isso, a santa passou a receber mais duas bonecas: uma no dia das crianças pelo fato do menino poder ouvir e outra no dia de finados, em razão do tratamento renal bem-sucedido.

De duas bonecas, passaram a ser três no dia dois de novembro. O marido venceu dois tipos de tumores, sendo que o último atacou o seu fígado e, ao ser removido, detectou-se que não era maligno. Na visão da devota, as graças alcançadas são frutos da intervenção de Berta Lucia em sua vida e na de seus entes queridos. Aos sessenta e dois anos, a única coisa que Ivanilda conserva, além de sua fé na menina, é uma fitinha vermelha que ganhou da irmã de Berta Lucia. Assim que a filha nasceu, arranhou a lembrança em seu berço e, mais tarde, amarrou-a em uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida que ocupa sua residência.

Vinte e três anos após a primeira adversidade, a fitinha ali permanece. Desgastada e suja, porém, atada.





LUIZ CÉSAR Teixeira da Silva

“Tenho certeza que ela ajudou muita gente. Berta Lucia está ao lado de Deus. Se temos fé, ela intercede por nós”

A bola veio rolando e só parou quando bateu nos pés de Luiz César. Ele abaixou-se, pegou o brinquedo e jogou-o de volta para a garotinha que estava parada do outro lado do campo. Embora não recordasse de onde a conhecia, aquele semblante lhe era familiar. Com as maçãs do rosto cheias, os cabelos caindo em cachos até os ombros e o vestido alvo, como se nunca houvesse entrado em contato com a terra, a menina devolveu a bola, sinalizando seu interesse de brincar com ele. Além dos limites do campo, as lápides enchiam a paisagem até onde as vistas alcançavam. Os dois estavam sozinhos no cemitério.

O homem já tinha perdido as contas de quantas vezes sua mente reproduzira o sonho. Sabia que o rosto daquela menina não era estranho, mas de onde viera e por que insistia em invadir o seu sono? Certo dia, sua esposa, Eliane, convidou-o para que a acompanhasse até o Cemitério São João Batista, em Presidente Prudente, onde visitaria a capela da garotinha cujo nome era o mesmo de sua filha. Berta Lucia. Era 1997 quando Luiz César recebeu a notícia de que a namorada estava grávida. Ele tinha dezesseis anos, enquanto ela já havia completado os seus dezenove. Apesar de prematura, a boa-nova foi bem recebida pelo jovem casal.

Os primeiros meses foram, no entanto, permeados por algumas complicações, as quais resultaram em um sangramento. Desesperada com a possibilidade de perder a criança, Eliane resolveu se apoiar em sua fé e recorrer ao local onde tantas graças foram buscadas. Naquela época, Luiz César era um rapaz sem grandes crenças, mas decidido a agradar sua namorada. Dirigiu-se com ela até a capela de Berta Lucia para que Eliane fizesse o seu pedido. Ao chegar ao sepulcro pela primeira vez, o garoto foi tomado pela sensação de que ali descansava um ser humano muito especial. Na ocasião, Eliane prometeu que caso a criança nascesse com saúde, seria batizada com o nome daquela que jazia no lugar.

Dez anos mais tarde, ao retornar ao túmulo de Berta Lucia, Luiz César finalmente teve o seu esclarecimento. O rosto eternizado no retrato afixado na capela era o mesmo que habitava os seus sonhos. Foi naquele instante que o homem, já adulto e pai de uma menina, lembrou-se de uma outra promessa que nunca fora paga. Luiz César devia a Berta Lucia uma bola.

Quase uma década depois, Luiz César e Eliane decidiram que era chegada a hora de ter mais um filho. O desejo foi rapidamente alcançado, mas por pouco tempo. Aos dois meses, a esposa sofreu um aborto espontâneo, desestabilizando a felicidade do casal. Tudo o que haviam conquistado, imediatamente perdera o sentido. Berta Lucia já tinha dezoito anos, ao passo que Eliane, trinta e oito. Luiz César não queria que a filha ficasse sem um irmão quando seus pais já não estivessem mais aqui. Ela precisaria de alguém com quem contar. Além disso, Eliane estava perto dos quarenta e suas chances de ter uma gravidez segura chegavam ao fim.

Um novo pedido foi feito para a menina santa, a fim de que esta ajudasse Eliane a engravidar mais uma vez. Com efeito, o teste deu positivo quatro meses depois. Entretanto, quando a gestação já caminhava para os cinco meses, a esposa sofreu um descolamento de placenta e a esperança de ter um segundo filho foi novamente

desafiada. Felizmente, tudo não passou de um susto. Morando em Teodoro Sampaio, ambos viajavam até Prudente a cada vinte dias para o acompanhamento pré-natal. Nessas ocasiões, aproveitava-se o ensejo para manter firmes os votos com Berta Lucia. Luiz César e Eliane faziam uma passagem pela capela da garotinha, deixavam uma boneca, rezavam juntos e pediam para que o bebê a caminho contasse com a sua proteção.

Atualmente, a cada trinta dias, Luiz César e Eliane retornam a Prudente para levar Maria Valentina, a segunda filha, ao pediatra. Assim como era durante a gravidez, os dois fazem questão de passar pelo cemitério e deixar uma boneca para aquela que acreditam ser a sua intercessora. Agora, no entanto, as orações já não acompanham mais pedidos. Somente agradecimentos.





FRANCISCO Ferreira Nobre

“Eu vi todas aquelas pessoas reunidas e pensei que alguém tivesse morrido. Até que me aproximei da capela e percebi que toda a gente carregava bonecas e brinquedos”

O homem descobriu a capela de Berta Lucia por acaso, após uma visita ao túmulo do filho, no Cemitério São João Batista. Embora tentasse uma vida nova no Paraná, uma parte dela estava no interior paulista – e assim como um ímã atrai duas extremidades, a saudade lhe trouxe de volta. Especialmente naquela ocasião, uma grande movimentação em um sepulcro próximo chamou a atenção de Francisco, que, curioso, decidiu investigar a sua origem. Aproximando-se de um senhor que deixava a capela, soube que nela fora sepultada uma menina com poderes milagrosos. “Seja qual for o seu sofrimento, basta confiar primeiramente em Deus, depois em Berta Lucia, e você será alcançado”, advertira o informante.

Motivado, Francisco entrou na capela, ajoelhou-se e começou a orar. Além do sofrimento da alma, o homem era atormentado por uma dor no estômago que, a certa altura, tornou-se insuportável. Depois de tanto procrastinar a ida ao médico, finalmente agendara uma consulta. Até hoje, ele não sabe dizer com exatidão qual foi o diagnóstico, exceto que já tinha desenvolvido uma ferida sem cura. Dos remédios prescritos, nenhum fez efeito. Sem a que recorrer, apelou para a garotinha que, até então, lhe era uma desconhecida. Ao sentir um toque no ombro, Francisco interrompeu as suas preces:

– Você está sentindo alguma coisa? – perguntara a mulher.

– Não.

– Então por que está chorando?

As lágrimas corriam pelas faces de Francisco, despercebidas.

– Era aquela fé viva que a gente tem – justifica o homem, que mantém em um altar doméstico o retrato da menina.

Tocado por este momento singular, Francisco retornou ao túmulo de Berta Lucia muitas vezes depois.

Durante as suas visitas, curvava-se perante a torneira localizada defronte ao sepulcro, bebia três goles da água considerada benta e, em seguida, passava as mãos molhadas sobre o abdômen, na região do estômago, onde a dor lancinante insistia em permanecer. Após cerca de dois meses, entretanto, o homem se dizia curado:

– Eu balançava todo o meu corpo e não sentia nada. A dor nunca mais voltou, graças a Deus. Eu achava que iria morrer com aquilo – relata.

Como forma de agradecimento, Francisco presenteou Berta Lucia com uma boneca e se prontificou a rezar um Pai-Nosso e três vezes a Ave-Maria e a Santa Maria ou até mesmo um terço – promessa que mantém até hoje.





ESTRELA
100 360 1000057

+3 anos



ALESSANDRA Mataruna

“Acho que tudo o que você vai fazer, se você não tiver fé, não adianta. É a mesma coisa se você quiser comprar um carro; se você não tiver fé naquilo que você quer, não dá certo”

O primeiro contato de Alessandra com a história de Berta Lucia Fonseca foi há mais de trinta e oito anos, por meio de sua irmã, que acabara de se casar e já tinha o sonho de fazer a família crescer. Após muitas tentativas em vão, a mulher decidiu procurar a ajuda da menina que, conforme a crença popular, operava milagres. Caso viesse a engravidar, a primeira roupa do bebê seria destinada para a capela da protetora. No mês seguinte, a irmã apareceu com a notícia: Berta Lucia havia lhe ouvido. Era fácil acreditar na veracidade da história. Alessandra crescera em um ambiente religioso, onde tudo que a mãe conquistara foi baseado em suas crenças. A fé era a maior herança deixada pela matriarca.

Após ser internada em virtude de um cálculo renal, Alessandra percebeu que era a sua vez de fazer uma promessa para Berta Lucia. Ao deixar o hospital e entrar no carro, a mulher foi incisiva ao falar com o marido:

– Vamos para o cemitério. Preciso fazer um pedido.

Ainda tomada pela dor, Alessandra ajoelhou-se no chão da capela da menina santa e prometeu-lhe que se a pedra no rim não a incomodasse mais e a dor fosse embora, voltaria ao local com uma boneca.

Retornou.

O filho de Alessandra, Nathan, chegou ao terceiro ano sem saber ler. Embora copiasse todas as palavras que a professora escrevia na lousa, o menino não conseguia assimilá-las. Ao ser chamada na escola, a mãe foi informada a respeito do problema. O filho não poderia avançar se não aprendesse a leitura. A fim de resolver o problema, enquanto a escola oferecia ao estudante um psicólogo dentro da unidade, Alessandra buscava outro em um posto de saúde. Entretanto, nenhum dos dois conseguiu identificar um trauma que justificasse o déficit.

Quando a ajuda profissional se mostrou ineficiente, Alessandra

concluiu que a única alternativa era procurar quem não havia faltado com ela na primeira vez. Em setembro, prometeu uma nova boneca para Berta Lucia caso esta encontrasse uma solução para o problema do filho. No final de outubro, a professora novamente convocou a presença da mãe na escola e afirmou estar surpresa com o rápido avanço do menino na leitura: mesmo sabendo da dificuldade de Nathan, pedira para que lesse durante a aula, o que ele fizera com êxito. Questionada sobre o que desencadeara o progresso, a mãe respondeu sem hesitação que o motivo era sua fé em Berta Lucia.

Alessandra é diarista e vive numa casa simples onde dois cachorros garantem a vigilância. Vestida de verde-água, ela sorri enquanto descreve as graças recebidas por meio da santa local. A gratidão vem acompanhada do temor, sentimento que a mulher não esconde ao recordar uma promessa descumprida pela mãe. A cobrança não tardou: Berta Lucia apareceu sentada na beira da cama, reivindicando as três bonecas e o buquê de flores esquecidos.

– Olha, chega a me arrepiar. – emenda a mulher após concluir o relato. E, num gesto automático, corre os dedos sobre os pelos do braço a fim de evidenciar a sensação.





CLAUDINEIA da Silva

“Quando eu era pequena e ia ao cemitério, meu pai me contava sobre a Berta Lucia. Não sei qual é a sua verdadeira história, mas enquanto eu estiver em pé e com saúde, vou levar uma boneca para ela”

Receber a notícia de que uma amiga estava grávida deixava Claudineia em desespero. Após dez anos de tentativas, ela parecia a ser a única que não teria a oportunidade de se tornar mãe. Acreditando que o problema era biológico, a mulher passou por inúmeras consultas médicas e exames, no entanto, nenhum apontava qualquer problema.

– Você não tem nada – frisava o ginecologista.

– Mas tem que haver alguma coisa, doutor, porque eu nunca tomei anticoncepcional – insistia a paciente.

– Não há nada de errado com você – reiterava. E como não havia outra resposta para Claudineia a não ser chorar, o médico oferecia-lhe um consolo: – Vamos prescrever um novo exame para você então.

Uma vez que a família de Claudineia sempre foi muito devota de Nossa Senhora de Aparecida, foram várias as promessas realizadas em seu nome. O cunhado da mulher chegou, inclusive, a tatuar a santa no braço a fim de que esta intercedesse pela parente. Contudo, seja no campo científico ou no religioso, os esforços se mostraram em vão. Em um dia de finados, Claudineia visitava o túmulo de sua madrinha ao lado da irmã, quando esta foi tomada por uma ideia:

– Neia, você já pensou em fazer o pedido para a Berta Lucia?

– Ah, Clau, eu não acredito mais nas coisas, porque eu sempre quis tanto isso e nunca deu certo.

– Não custa tentar. Faz.

Ressabiada, mas com o objetivo de agradar a irmã, Claudineia lançou a prece para Berta Lucia enquanto atravessavam a via que dá para a capela. A mulher não chegou a interromper os passos, muito menos adentrar a construção, porém, a súplica foi ouvida: aproximadamente um mês mais tarde, Claudineia estava grávida. Após uma nova consulta, o médico contou a novidade:

– Você está grávida.

As chances de uma gestação lhe pareciam tão raras que Claudineia nunca chegou a acreditar nas palavras do especialista.

– Não posso estar grávida – respondeu, relutante. – Não posso ter um filho.

– Quem lhe disse isso?

– Eu não posso, doutor.

– Mas você está grávida!

– Não estou – Claudineia se mostrava irredutível.

– Vá para casa e descanse. Depois de uma semana, volte aqui e conversaremos novamente – aconselhou o médico ao perceber que não iria convencê-la do contrário.

Uma vez que nunca levou a sério o diagnóstico do ginecologista, Claudineia retomou a sua rotina como operadora de máquinas em uma empresa local. O trabalho era tão pesado e exigia tanto esforço físico que a mulher acabou sofrendo um aborto espontâneo. Quando o médico lhe deu a notícia, Claudineia se rendeu novamente

ao desespero, pois, se antes havia a mais ínfima possibilidade de estar grávida, agora tinha certeza de que não estava. Disposta a corrigir a situação, a mulher retornou ao sepulcro daquela que é denominada a santa prudentina e, voltando-se a ela, suplicou:

– Berta Lucia, se você me atendeu uma vez, estou confiante de que me alcançará de novo.

E repetiu o feito no dia de finados do ano seguinte. Desta vez, a resposta precisou de um prazo de tempo maior, mas apareceu: no dia 17 de julho de 2013, nascia Pedro Henrique, o filho com o qual Claudineia tanto sonhara. A propósito, tudo parecia não passar de um sonho, tanto que a mulher chegara a confidenciar ao marido:

– Tem certeza que é meu?

– Mas você é mesmo boba, não é? – replicava o esposo.

Transcorridos tantos anos e submetida a incontáveis exames e promessas, Claudineia não hesita ao afirmar que seu filho foi um presente que Berta Lucia lhe deu. Quando narra a sua história aos amigos, o nome da menina é sempre ressaltado.

– Mas, Neia, você tem certeza disso? – questionam os ouvintes, desconfiados.

– Sim, foi ela quem me deu.

Ainda hoje, a mulher visita a capela de Berta Lucia anualmente para destinar-lhe uma boneca. Ao observar o filho de quatro anos brincando, às vezes não consegue acreditar que realmente conseguiu ser mãe.

Então, o olha novamente e é tomada pela certeza:

“É meu filho”.





AUGUSTINA Martins de Padula

“Conheci a história de Berta Lucia por meio da minha irmã, então decidi buscar sua ajuda. Como diz o ditado, não fui pelo amor, fui pela dor”

Aos 68 anos de idade, Augustina ainda preserva o sotaque que não nega a sua descendência hispânica. Mesmo desconfiada do intuito da entrevista, relembra com atenção o milagre que lhe fora concedido por intermédio de Berta Lucia. Ela relata que sua filha, Maria Helena de Padula, sofria de um distúrbio neurológico que afetava a sua memória e, por isso, tomava remédios controlados a fim de minimizar os sintomas. Após dois meses dependendo do medicamento, no entanto, a menina de dez anos se exauriu de ingeri-lo todos os dias e, em um ato impulsivo, engoliu trinta comprimidos de uma única vez. Como Augustina e seu já falecido marido, Luiz, trabalhavam fora, a mãe só acudiu a filha quando chegou do trabalho, por volta das 18h30. Ao procurá-la, encontrou Maria Helena em um sono profundo, incapaz de acordar mesmo com muita insistência. Desesperada, chamou o vizinho, Ailton, para levá-las de carro ao Pronto-Socorro do Hospital São Luiz, em Presidente Prudente. Posto que o organismo da pequena já havia absorvido grandes quantidades do remédio, o médico encarregado do caso não acreditava em sua recuperação.

Foi, neste momento, que Augustina buscou o auxílio de Berta Lucia. Prometeu-lhe que se a filha melhorasse, levaria ao seu jazigo uma vela e faria uma oração. A irmã da mulher e devota da santa, Maria Martins Tozzi, por sua vez, passou a colher a água que sai da torneira defronte ao túmulo da menina e levá-la até o hospital para molhar a boca da sobrinha. Transcorridos oito dias desde a promessa firmada e a realização do ritual sagrado, Maria Helena saiu do estado de coma.

Após a overdose, o médico decidiu suspender temporariamente o medicamento, ao passo que a tia da garota, falecida há cinco anos em decorrência de um câncer de pulmão, ajudou a irmã a cumprir o acordo feito com Berta Lucia, uma vez que Augustina não tinha condições financeiras e vivia com dificuldades.





LUISA de Souza

“Vou ao cemitério de quinze em quinze dias para limpar os túmulos dos meus familiares e toda vez passo pela capela. Eu falo: ‘oh, Berta Lucia, me ajuda, me dá força!’. Graças a Deus, eu tenho uma fé demais nela”

No quinto mês de gestação de Luisa, um médico da Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente constatou que se tratava de uma gravidez de alto risco. Entretanto, o repouso exigido não foi suficiente para manter as duas meninas que esperava. Durante a recuperação, Luisa coincidentemente dividiu o quarto com a sobrinha de Ana Fonseca de Oliveira, que a havia trazido para dar à luz. As duas já se conheciam por meio da comunidade da Vila Maristela, onde eram frequentadoras da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.

Na ocasião, a mãe de Berta Lucia tocou a barriga de Luisa e fez uma oração para que esta encontrasse forças e continuasse a criar os seus outros dois filhos pequenos. Ana aproveitou o ensejo para propor-lhe que adotasse uma criança em nome de Berta Lucia assim que melhorasse. Luisa concordou de prontidão e emendou que, caso realmente ficasse boa, reservaria os dias de finados para se vestir de preto.

Onze meses após a perda, Luisa encontrou, aos vinte e oito anos, a oportunidade de adotar um filho. Ao visitar uma cunhada no mesmo hospital onde recebera o acompanhamento durante a gestação, soube por meio de uma enfermeira que havia dois recém-nascidos que seriam repassados para uma nova família, uma vez que a mãe dos bebês, dois anos mais jovem que Luisa, se recusava a criá-los.

A partir de então, iniciou a formalização do processo de adoção de um dos recém-nascidos, o que não chegou a ser concluído, considerando que a mãe biológica, depois de conflitos pessoais, se mudara para Campo Grande, no Mato do Grosso do Sul, e, em seguida, ao Pantanal, segundo informações de pessoas da vizinhança. Apesar do entrave, Luisa

não desistiu e, perante a dificuldade de deslocamento para outro Estado, voltou-se àquela cuja mãe lhe encaminhara nesta jornada.

Posteriormente, o juiz responsável pelo caso permitiu que ela apresentasse duas testemunhas. Para tanto, elegera duas vizinhas que acompanhavam a sua relação com Simone, nome escolhido para a pequena. No tribunal, foram ouvidas as duas mulheres, além do então marido de Luisa. Sem ressalvas, a autoridade concedeu a guarda da criança para a nova família.

Finalizado o processo burocrático, Simone recebeu, enfim, o sobrenome dos pais, ao passo que Luisa encomendou uma missa de agradecimento na Paróquia Nossa Senhora do Carmo para o dia 15 de novembro do mesmo ano, data em que se comemorava o aniversário de Berta Lucia. Entre os participantes, estava Ana, a quem foi apresentada a menina.

Aos quatorze anos de idade, Simone conheceu Valter, primo de Berta Lucia, com quem namorou durante dez anos até a decisão do matrimônio.

Hoje, aos 69 anos, Luisa ainda cumpre a promessa feita para a santa prudentina durante a hospitalização. Quem passar pelo Cemitério São João Batista no dia dois de novembro, verá, entre o aglomerado de romeiros que se curvam diante da capela para pedir bênçãos e ofertar graças, uma dama de preto.





OLGA de Andrade Zaupa

“Eu pedi tanto uma criança para Berta Lucia que ela me atendeu. Considero uma graça que a menina intercedeu junto a Deus. Um presente que ela queria me dar e assim o fez”

Quando, em 1969, Olga e seu marido se casaram, um dos planos para a vida a dois envolvia a chegada de uma criança. Entretanto, nem sempre as coisas caminham na direção desejada. Após muitas tentativas em vão e tratamentos malsucedidos, o casal decidiu recorrer à outra via: a adoção. Naquela época, o processo era bem diferente dos dias atuais. Os interessados tinham que se apresentar na Prefeitura, onde uma assistente social ficava responsável por cadastrar a família e notificá-la quando fosse a sua vez de receber uma criança, normalmente captada de alguma jovem que não tinha condições ou interesse de criar por conta própria o filho que carregava na barriga.

Bastava que o burburinho espalhasse a novidade – “vai aparecer uma mãe que quer doar a criança” – para que o coração de Olga se enchesse de esperança. Embora tivesse preferência por um filho biológico, seu marido fazia questão de aumentar a família, independente de qual fosse o meio para isso. Sendo assim, abraçou a causa com todas as forças. As decepções, contudo, começaram a surgir: muitas vezes, a criança morria após o parto ou então a mãe desistia de repassar o filho para outros candidatos após segurá-lo no colo. Uma vez que as chances lhe pareciam mínimas, Olga decidiu pedir a intercessão de Berta Lucia – de quem sua cunhada tanto falava. Afirmava-lhe que, no que diz respeito às crianças, a santa prudentina sempre atendia.

A única condição que Olga impôs à menina é que a criança lhe fosse encaminhada com saúde. O sexo era o de menos – o importante é que o filho fosse bom para os pais e vice-versa. Se Berta Lucia a correspondesse, levaria anualmente em sua capela um brinquedo e um buquê de flores até o filho completar 18 anos. Naquela ocasião, a patroa de seu marido também estava na fila de espera quando surgiu com a novidade: ainda que estivesse com o processo todo encaminhado, uma mulher aparecera em seu portão disposta a doar o bebê que carregava. Sem pensar duas vezes, aceitara. Perante a desistência de uma candidata, Olga e o esposo imediatamente procuraram a assistente social, que concordou em conceder-lhes o lugar deixado pela outra.

Convidados a conhecer a mãe biológica da criança, apenas o marido aceitara. Olga recusou a oferta – tinha o receio de que se a visse, ficaria com o rosto dela em sua cabeça pelo resto da vida. Conforme o relato do esposo, a moça tinha apenas dezesseis anos e saíra do campo para morar na cidade com a irmã. Acabara se envolvendo com um homem casado e não poderia voltar para a casa enquanto estivesse grávida, temendo uma retaliação de seus familiares. Desta forma, começara a viver na rua. Abordada pela equipe de Assistência Social em seu quinto mês de gestação, passou a ser visitada pelo marido de Olga, que lhe comprava peças de roupas e alimentos.

Em 15 de novembro de 1973, feriado da República, Olga voltava do cemitério japonês de Álvares Machado, onde seu marido a levava para aprender a dirigir, quando vislumbraram a filha da patroa de seu esposo à espera no portão:

– Eu vim avisar vocês que a menina entrou em trabalho de parto. Ela está no hospital – anunciara.

Tudo o que Olga se lembra daquele dia é que fazia um calor infernal e que o parto fora demorado. A criança, do sexo feminino, nascera às 19h45 – 48 horas mais tarde, a assistente social entregava-lhe aos respectivos pais adotivos. Após a papelada

regularizada, Olga, finalmente, podia chamar a menina de sua filha. Acreditando que o final feliz fosse uma bênção de Berta Lucia, a mulher se prontificou a cumprir o acordo feito com a santa. No primeiro aniversário da pequena, dirigiu-se até o Cemitério São João Batista, depositou na capela um buquê de flores e o brinquedo prometidos e fez as suas orações de agradecimento. Ainda antes de deixar a construção, foi tomada pela surpresa: ao desviar os olhos para uma plaquinha afixada na parede, constatou a data de nascimento de Berta Lucia: 15 de novembro de 1939. 15 de novembro. O mesmo dia em que sua filha viera ao mundo. Naquele momento, tudo pareceu certo e justo no coração de Olga:

–Era o aniversário de Berta Lucia, mas foi ela quem deu o presente para mim. Então, eu considero isso uma graça, pois nada estava dando certo para meu marido e eu e, de repente, nossa criança nasce justamente no aniversário da santa – relata a mulher, nos dias atuais.

Ainda hoje, Olga acredita piamente nos milagres de Berta Lucia. Mesmo que a capela da menina não abra mais no dia das crianças, ela costuma comprar, juntamente com os presentes dos netos, uma lembrança para a garotinha. No embrulho, faz questão de escrever o nome composto que está presente diariamente em suas orações. Professora aposentada, ajuda os netos nas lições de casa e, durante as semanas de prova, pede que Berta Lucia proteja os meninos.

A promessa de levar o buquê de flores e um brinquedo ao sepulcro durante 18 anos foi cumprida religiosamente – e esta palavra nunca coube tão bem em um relato. Em suas visitas, jamais chegou a levar ao menos uma fitinha para casa – a seu ver, tudo ali é sagrado e, portanto, deve permanecer intocado. Apesar de seu acordo ter sido encerrado, Olga voltara ao cemitério muitas vezes depois – na semana após o casamento da filha, deixara na construção o buquê da cerimônia: que Berta Lucia abençoasse o matrimônio do mesmo modo que abençoara o seu. A bem da verdade, as histórias se repetiram. Assim como a mãe, a filha também encontrou na adoção a multiplicação da família.





BERTA LUCIA da Silva

“Para mim, este nome é tão forte e me faz ser forte. Já passei por tantas coisas que se eu for relatar tudo o que pedi para Berta Lucia, acho que daria um livro só meu”

O nome não é mera coincidência. Tem razão de ser. Enquanto esteve grávida, a mãe de Berta Lucia, cujo sexo permaneceu em segredo durante os nove meses de gestação, passou por maus bocados nas mãos do marido, que lhe agredia fisicamente. Assustada demais para recorrer a qualquer outro meio, a mulher se valia de suas orações, muitas das quais eram dirigidas a um nome popular na cidade – Berta Lucia. Nos momentos em que se voltava para a santa popular, pedia-lhe que protegesse a sua gravidez e, caso desse à luz uma menina, não importa se nesta ou em outra oportunidade, a criança carregaria o nome de Berta Lucia.

Ao entrar em trabalho de parto e ser encaminhada para o Hospital Nossa Senhora das Graças, o médico encarregado deu a boa-nova – chegava ao mundo uma menina.

– É Berta Lucia! – exclamou mais do que depressa a jovem.

Aos sete anos, a garotinha foi diagnosticada com um problema no coração e passou a receber tratamento na Santa Casa de Misericórdia. Certo dia, estava no hospital para fazer os exames, quando uma senhora se aproximou e investiu em uma conversa:

– Você se chama Berta Lucia?

– Me chamo – respondeu a menina, desconfiada.

– Que nome bonito! Qual o motivo?

– A minha mãe que escolheu – e como achava bonita a história sobre a origem do seu nome, emendou: – Ela fez uma promessa. Sabe aquela menina do cemitério?

A garota contou tudo o que sabia e que fora lhe passado por meio da mãe. Ao final do relato, a senhora perguntou:

– E o que você tem?

– Problema no coração. Acho que vou ter que operar.

– Olha... – replicou a mulher, pegando na mão da menina. – Eu vou pedir para a Berta Lucia te ajudar e você não vai precisar de cirurgia.

Ao reparar que a mãe se aproximava, Berta Lucia se despreendeu da senhora e correu ao seu encontro:

– Mãe! – e apontando para a mulher com quem falara: – Ela disse que fará um pedido para Berta Lucia e, então, eu não precisarei operar.

A mãe olhou vagamente para a senhora que a filha indicava e a reconheceu:

– Querida, aquela é a dona Ana, mãe da Berta Lucia.

Vinte dias depois do encontro, a garotinha retornou para um novo exame, cujo resultado foi surpreendente:

– O buraco tinha fechado e eu não precisava mais de qualquer cirurgia. Parei com as medicações e todo o resto. Podia andar no sol, assoprar bexiga, pegar peso. Tudo! – afirma Berta Lucia, hoje aos 36 anos.

Há cerca de um ano, Berta Lucia desenvolveu um mal-estar, muito semelhante a uma labirintite, que lhe prejudicava durante as atividades do dia a dia. Como os medicamentos não pareciam fazer efeito, a mulher decidiu ir ao Cemitério São João Batista. Aproveitaria a oportunidade para apresentar a capela da santa às duas filhas,

que tinham a curiosidade de conhecer o lugar onde estava enterrada a menina cujo nome foi repassado à mãe.

Assim que entraram na construção, uma delas chegou perto do altar e escreveu uma mensagem no caderno que ali estava disposto. No instante em que a mãe reforçou que era por causa da menina que tinha esse nome, uma senhora a ouviu. Era a irmã de Berta Lucia, Eliana, que pediu-lhe que também fizesse um registro em uma das folhas. A mulher anotou o seu telefone acompanhado do pedido de melhora, já que sentia aquele mal-estar há mais de meses.

Chuviscava quando Berta Lucia deixou a construção e voltou para casa, incomodada por uma dor de cabeça que lhe obrigou a se deitar cedo. No dia seguinte, ela não sentia mais nada. Naquela noite, se sentou na varanda e, enquanto contemplava as estrelas, refletia:

“Não tenho dúvidas, foi ela!”.

Questionada sobre a sensação de carregar o nome de Berta Lucia, a mulher relata que são inúmeras as vezes em que perguntam se a razão é a santa.

– “Ah, você tem esse nome por causa da menina do cemitério?”, me perguntam. Eu ainda brinco: “tenho só o nome, porque santa eu não sou” – comenta, aos risos.

Na próxima vez que for ao São João Batista, Berta Lucia pretende pedir para Eliana uma foto da menina. Quer colocar na carteira aquela que, em diferentes momentos da vida, lhe concedeu muito mais do que o nome.





Parte III

A REPERCUSSÃO

NAS PÁGINAS dos jornais

“As notícias e os anúncios, na investigação do passado, são importantes instrumentos, sobretudo para a sociologia e a história social e optamos por essa documentação, que mais recentemente tem se constituído em fonte essencial, embora até um passado não muito distante, estivesse relegada a um plano secundário, quando não simplesmente desprezada”

Gilberto Freyre

Ao longo de décadas, o fenômeno devocional em torno de Berta Lucia tem sido focalizado pela imprensa, principalmente no dia de finados. Embora esta não seja uma história desconhecida para boa parte da população prudentina, o grande número de visitas ao túmulo ainda é um prato cheio nas redações. Incluir tal movimentação na pauta do dia tornou-se uma prática mecânica – fazer o contrário seria como ignorar a cobertura de alguma festa local que se tornou tradição entre os munícipes.

Desta forma, foi alto o número de publicações veiculadas pelos periódicos no decorrer dos anos, o que forneceu a este livro um *corpus* documental amplo, apesar de alguns erros de apuração terem sido constatados durante a investigação. Tais falhas podem ser justificadas pelos *deadlines* apertados, que impediam que os repórteres transpusessem as barreiras do cemitério ou o fato de muitos deles se limitarem ao palco dos acontecimentos, isto é, a capela de Berta Lucia, onde o calor da emoção contribuiu para a distorção de alguns fatos.

Seja como for, é inegável a colaboração dos veículos impressos para comprovar a exteriorização da fé em Berta Lucia como um fragmento importante da cultura popular de Presidente Prudente – considerando que o túmulo da menina permanece atraindo milhares de visitas ao Cemitério São João Batista –, além de permitir acompanhar anualmente a solidez e resistência do fenômeno.

O jornalista prudentino Altino Correia foi um dos principais repórteres envolvidos na cobertura desta manifestação de fé. Embora esteja afastado das redações há bastante tempo, o profissional ainda tem a história de Berta Lucia na ponta da língua. Ele conta que a ouviu pela primeira vez na década de 1960, quando chegou a Prudente para trabalhar no rádio; o fato era o que mais chamava a atenção no dia de finados. Na época, também foi correspondente do jornal *Folha de S. Paulo* por meio do periódico *Notícias Populares*, cuja matéria que figurava com destaque no feriado de dois de novembro era a história da menina.

– Essas matérias repercutiram inclusive em âmbito nacional. Depois disso, o assunto virou comentário obrigatório no rádio, televisão e impressos. A notícia tem a sua origem e depois a sua repercussão; foi o que aconteceu com Berta Lucia – pondera o jornalista.

Uma das reportagens assinadas por Altino compõe o acervo que Eliana montou com lembranças sobre a irmã. A seguir, reproduzimos um excerto do material para o conhecimento do leitor:

Altino relata que conheceu os irmãos de Berta Lucia, Roberto e Eliana, bem como a mãe deles, Ana, de quem se tornou muito amigo:

– A dona Ana era uma pessoa muito simples, humilde, bastante temerosa e, principalmente, simples; vivia na simplicidade. Uma vida bastante dedicada. Não conheci o marido dela. Apenas os filhos, que foram o Roberto e a Eliana. Eu não sei se teve netos; também não conheci e não tive a oportunidade de conhecer. Mas devido às matérias que eu fiz, pude saber um pouco da vida dos dois irmãos. Durante as entrevistas, lembravam das saudades, dizendo que [a menina] foi marcante na vida deles; que realmente foi uma figura de muita alegria e que a morte deixou um vazio muito profundo. Isso foi o que a gente pode constatar.

Questionado se acredita que Berta Lucia opera milagres, o jornalista é reticente:

– Pelo testemunho de pessoas que recorreram a ela, acredito que cada um tem a sua fé e se sente contemplada. São elas que aparecem e levam brinquedos e bonecas em uma demonstração de fé e reconhecimento pela graça recebida. De ano em ano, isso vai aumentando...

Apesar do fenômeno devocional estar em constante renovação, houve a necessidade de uma opinião profissional a respeito de sua permanência nos meios de comunicação. Quanto a isso, Altino não descarta a possibilidade do evento se manter duradouro:

– Tudo depende da crença de cada um. Se a pessoa acredita, eu acho que a fé remove montanhas, então, não vejo dificuldade nenhuma para essa devoção continuar sendo notícia.

Objetivando documentar a evolução dos eventos nos veículos impressos, é apresentado, em seguida, um retrospecto das principais informações disseminadas pelos jornais impressos *O Imparcial* e *Oeste Notícias* no decorrer das décadas. A escolha dos dois periódicos é justificada pela existência de um arquivo completo destinado a eles no município de Presidente Prudente:

1976:

Embora a morte de Berta Lucia tenha ocorrido em 1944, apenas no ano em questão uma grande aglomeração de pessoas em seu túmulo foi noticiada em *O Imparcial*⁹. O diário não mencionou o nome da menina, afirmando apenas que “houve concentração de muita gente junto ao túmulo de uma jovem sepultada há alguns anos da qual se afirma receber graças os que oram por ela”.

1983:

Sem entrar em detalhes, *O Imparcial*¹⁰ noticiou que o túmulo mais visitado no feriado de finados foi o de Berta Lucia. Na ocasião, alguns pagavam promessas, enquanto outros faziam pedidos.

1984:

Pela primeira vez, *O Imparcial*¹¹ trouxe informações inéditas sobre Berta Lucia – já narradas nos capítulos anteriores – e fez uso da linguagem literária para descrevê-las. Entre os milagres mais recentes até então, a reportagem citou o de dona Tionila (sobrenome não divulgado), que, durante um temporal que desabou sobre Prudente, ao ver que sua casa estava prestes a ser arrastada pelo vento, clamou pela menina:

– Salve-me, Berta Lucia. Não deixe o vento destruir o nosso lar – tão logo pronunciou o pedido de socorro, o vento fez um rodaminho e deixou a sua casa sem o menor vestígio de destruição.

Na matéria, também foi relatado o testemunho do devoto Albano Rodrigues:

– O meu filho [Albano Rodrigues Júnior], com onze anos, estava possesso, endiabrado, como que tomado pelo demônio. Levei ele a muitos médicos e curandeiros, mas sem resultado. O menino estava cada vez mais atacado. Finalmente, cheguei junto a mãe de Berta Lucia, expliquei o problema e, depois de algumas orações para a menina, o meu filho voltou ao normal e nunca mais teve nada – conforme o pai, completavam-se seis anos desde que “o filho ficou livre do terrível mal que o havia

⁹ Edição 7.920, de 4 de novembro de 1976.

¹⁰ Edição 10.022, de 4 de novembro de 1983.

¹¹ Edição 10.321, de 2 de novembro de 1984.

transformado num verdadeiro monstro”.

1986:

*O Imparcial*¹² comunicou que, além do cruzeiro¹³, um dos lugares de maior visitação foi o túmulo de Berta Lucia, que, na época, fora alvo de vandalismo. Naquele dia, centenas de pessoas de muitas partes do Brasil chegavam a Presidente Prudente para visitar o sepulcro, motivadas pela curiosidade, devoção e busca por graças, já que se acreditava que a menina pudesse conceber milagres.

1988:

Assim como em edições anteriores, *O Imparcial*¹⁴ reiterou que a maior concentração de visitantes foi na capela de Berta Lucia, onde registrou-se “uma verdadeira romaria de fiéis buscando por algum milagre”. O texto salientou que, naqueles últimos anos, a construção em forma de templo passara a receber um grande número de pessoas de várias cidades da região, as quais faziam filas para entrar no local.

1989:

Também sem novidades, *O Imparcial*¹⁵ informou que, a exemplo de todos os anos, a capela da menina foi um dos jazigos mais visitados, onde muitas pessoas iam para orar e pedir graças.

1991:

Cerca de trezentas pessoas passaram pela capela de Berta Lucia no dia 1º de novembro e a estimativa era que cerca de três mil a visitassem no dia de finados, apontou *O Imparcial*¹⁶. A reportagem elucidou que nem mesmo a chuva deveria atrapalhar a movimentação. Romeiros chegariam a se aglomerar dentro da construção, rezando em silêncio e acendendo velas. De acordo com a publicação, no chão, em volta do altar e do quadro de Berta Lucia pendurado em uma das paredes, haviam muitas bonecas espalhadas, lembrança do último dia das crianças, em que a mãe da menina fez uma festa para cerca de 300. Na ocasião, as mães delas levaram bonecas para pagamento de promessas, as quais seriam, mais tarde, doadas por Ana para crianças carentes.

No dia 3 de novembro, o periódico¹⁷ voltou a reportar sobre a exteriorização de fé em torno de Berta Lucia, destacando o seu túmulo como o mais visitado e diante do qual se formou uma enorme fila. Presentes, flores, velas e agradecimentos foram

¹² Edição 10.923, de 2 de novembro de 1986.

¹³ Local onde frequentadores acendem velas e fazem orações; localizado no centro do Cemitério São João Batista.

¹⁴ Edição 11.520, de 4 de novembro de 1988.

¹⁵ Edição 11.820, de 4 de novembro de 1989.

¹⁶ Edição 12.422, de 2 de novembro de 1991.

¹⁷ Edição 12.423, de 3 de novembro de 1991.

depositados no oratório. A matéria deu ênfase à torneira localizada ao lado de fora da capela, na qual os devotos lavavam as mãos e partes do corpo, enquanto outros levavam um pouco para casa em garrafinhas.

1992:

O *Imparcial*¹⁸ mencionou que o túmulo de Berta Lucia era muito visitado por pessoas de Prudente e região, que depositavam ali a sua fé e esperança. Para complementar, reforçou que, no ano anterior, milhares de pessoas visitaram o sepulcro, sendo necessárias filas para adentrar a capela.

1993:

A capela da menina foi novamente descrita como a mais visitada do Cemitério São João Batista. Filas enormes foram feitas para que as velas pudessem ser acesas, relatou O *Imparcial*¹⁹.

1994:

O *Imparcial*²⁰ estimou que, de toda a visitação que o cemitério recebeu no dia de finados, cerca de 70% buscavam pagar promessas ou fazer algum pedido no túmulo de Berta Lucia, onde tudo estava pronto para a romaria, desde a pintura e limpeza até o atendimento ao público. Neste ano, foi reproduzida erroneamente a idade com que a menina morrera – ao invés de quatro anos, registrou-se cinco. Este erro voltou a acontecer novamente em edições futuras.

1995:

A partir deste ano, O *Imparcial*²¹ começou a incluir com mais frequência os testemunhos de devotos que frequentavam a capela da menina nos dias de finados. Entre os depoimentos veiculados, estava o de Osvaldo Pessata, de 33 anos, que se encontrava na fila para visitar a capela:

– É o terceiro ano que visito o túmulo. Acredito que Berta Lucia realmente faz milagres e gosto de deixar minhas orações e agradecimentos a ela.

Já Edna Borges mantinha a tradição há nove anos:

– Eu acredito que ela faz milagres e vim aqui deixar as minhas orações.

A paulistana Elisabeth Damaceno Branda, de 22 anos, chegara a Presidente Prudente há dois anos e, apesar do tempo curto de permanência, já tinha conhecimento sobre os supostos milagres de Berta Lucia:

¹⁸ Edição 12.726, de 1 de novembro de 1992.

¹⁹ Edição 13.024, de 4 de novembro de 1993.

²⁰ Edições 13.327, 13.328 e 13.329, de 1, 2 e 4 de novembro de 1994.

²¹ Edição 13.636, de 3 de novembro de 1995.

– Vim deixar minhas orações e meus pedidos. Acima de tudo, agradecer pelas graças que tenho.

Maria José Ulian, por outro lado, já era de casa há muito tempo, mas até então nunca tinha ido ao local. Na fila, ela contou que ficou curiosa depois de tanto ouvir falar sobre a menina e as graças alcançadas pela população:

– Decidi vir este ano acender uma vela e orar por ela.

Também em 1995, entrou em cena o *Oeste Notícias*²², que já em seu primeiro ano de circulação, passou a repercutir o referido fenômeno devocional. O impresso introduziu o assunto afirmando que o cemitério da Saudade – referindo-se ao endereço onde a necrópole está localizada, Avenida da Saudade – guarda, além de histórias tristes, esperanças. A primeira reportagem trouxe fragmentos de uma entrevista com a mãe de Berta Lucia, que pontuava ter contabilizado milhares de milagres atribuídos à filha. Desde então, até mesmo um estrangeiro, que sarara de uma doença incurável ao pedir ao retrato da menina, já visitara o túmulo:

– No ano passado ele esteve aqui – contou a mãe, que também chegara a receber da prefeitura de Mirante do Paranapanema, município da região de Presidente Prudente, uma caminhonete cheia de bonecas presenteadas à filha.

Entre os personagens que reforçaram a capacidade milagreira da menina, o texto destacou Joventina Borges de Oliveira, 78 anos. Na época, a senhora, que esteve quase cega há oito anos, passou a enxergar bem após começar a lavar os olhos com a água da torneira localizada ao lado da capela:

– Até hoje, todos os meus pedidos foram aceitos. Ela atende a todos. Para mim, é um anjo.

No dia seguinte ao feriado, uma nova matéria ganhou as páginas do jornal²³, desta vez descrevendo a movimentação no túmulo durante o dia de finados. No interior do santuário buscado pelos romeiros, Ana recebia os donativos, conversava com as pessoas e oferecia a elas fitinhas de cetim, balas e rosas:

– Eu providencio as fitinhas todos os anos. Hoje, foram 300 metros. As pessoas gostam de carregá-las no peito ou guardá-las. Com as rosas, fazem chás e tomam banhos; são para livrar algum mal. Um senhor trouxe mil rosas para enfeitar a capela e entregar aos visitantes. Ele deve ter alcançado alguma graça – e reiterou à reportagem o fato de não guardar para si os presentes: – [Eles] são distribuídos para adultos e crianças carentes. Eu não fico com nenhum em casa.

Outros visitantes acrescentaram ao texto as suas experiências, como o caso da comerciante Cristina Guileti, 33 anos, que dizia visitar a capela todas as segundas-feiras:

– Ela me concedeu uma graça, então trago presentes como bonecas, refrigerantes,

²² Edição 269, de 1 de novembro de 1995.

²³ Edição 271, de 3 de novembro de 1995.

roupas e brinquedos.

1996:

O *Imparcial*²⁴ trouxe novas histórias envolvendo as supostas graças concedidas por Berta Lucia. Armelinda Maria da Silva afirmou ir ao túmulo para “pedir saúde e felicidade para a sua família”. Cleide da Silva Borges contou que aquela era a primeira vez que ia ao local, pois ouvira estórias de pessoas que tiveram seus pedidos realizados ao visitá-lo. Aqui, é possível perceber como a oralidade contribuiu para a construção da santidade de Berta Lucia no imaginário popular. Já Sônia Regina Ramos se dirigia ao sepulcro há dez anos para agradecer a menina por ter curado a doença de sua filha – neste ponto, percebe-se a necessidade do devoto de não se desligar da santa; cumprida a promessa, os votos são renovados periodicamente.

O *Oeste Notícias*²⁵, por sua vez, registrou o depoimento de Dejanira Melo Lopes, de 56 anos, que foi visitar pela primeira vez o túmulo onde foram sepultados os restos mortais da menina:

– Vim porque a minha nora estava muito curiosa.

1997:

O *Oeste Notícias*²⁶ informa erroneamente que Berta Lucia morreu com câncer, atribuindo a informação aos fiéis. A reportagem é exemplificada com dois perfis distintos de visitantes. A dona de casa Odete Rodrigues, de 54 anos, dizia ir ao local por “curiosidade”, sentimento que levava muitas pessoas a seguir a multidão, mesmo na ausência de crença:

– Venho aqui porque todo mundo vem. É uma questão de hábito.

Por outro lado, a cabelereira Dirce Gonçalves, de 47 anos, costumava ir até o sepulcro por acreditar na veracidade dos depoimentos disseminados pelo povo:

– Nunca deixo de visitar o túmulo dela quando venho ao cemitério rever o local onde meus familiares e amigos foram enterrados. Acho que ela é um espírito de luz – definiu a mulher.

Outra matéria veiculada pelo periódico²⁷ no mesmo ano apresentou a sobrinha de Ana, Natalía Fonseca Martins:

– As pessoas me perguntam sobre a dona Ana, que todos os anos está aqui para receber as oferendas, mas pela primeira vez deixou de vir. Está internada há nove dias, pois teve um derrame – lamentou.

²⁴ Edição 13.920, de 3 de novembro de 1996.

²⁵ Edição 637, de 3 de novembro de 1996.

²⁶ Edição 951, de 1 de novembro de 1997.

²⁷ Edição 952, de 2 de novembro de 1997.

1998:

Se em 1997, o *Oeste Notícias* introduzia ao rol de familiares entrevistados a sobrinha de Ana, no ano seguinte²⁸ foi o filho Roberto. Ele estimou à reportagem que o túmulo da irmã recebia a visita de, em média, 200 pessoas por dia. No dia de finados, o número era incalculável:

– Formam-se filas durante todo o dia para entrar na capela dela.

O impresso ainda trouxe um exemplo de que a intervenção de Berta Lucia não é clamada apenas em casos urgentes, como também em ocorrências cotidianas:

– Quando tem uma briga na família, eu rezo pedindo para ela e as pessoas se acalmam – relatou a doméstica Maria Lúcia Alves de Souza, de 55 anos, que nunca foi decepcionada pela santa.

A fé na menina inspirou o empresário Mario José Caseiro, de 34 anos, a batizar, em 1980, a sua selaria com o nome dela:

– Meu pai já era devoto há muito tempo. Acredito que ela está sempre conosco, nos protegendo – justificou ele, que se livrara recentemente de um golpe de estelionato e atribuíra tal sorte à proteção de Berta Lucia.

Já para a auxiliar de escrita fiscal, Rosa Neide Venturini, 35 anos, seu emprego foi resultado da crença na garotinha:

– Há quatro anos fiz o pedido e arrumei o trabalho logo em seguida – disse a funcionária, que também recebeu uma graça nos tempos de estudo: – Estava com notas ruins, quase repetindo o ano. Pedi para a Berta me ajudar e prometi levar uma boneca.

Na tentativa de esclarecer ao leitor a credence popular, o periódico informou equivocadamente que Berta Lucia morreu de difteria, uma doença provocada por bactérias que atacam a laringe, formando placas que comprimem a garganta e evitam a respiração. Em contrapartida, foi o primeiro a abordar o assunto canonização. De acordo com a publicação, pelas regras da Igreja católica, uma pessoa que já faleceu pode ser considerada santa somente se tiver a autorização do Vaticano, na Itália. As informações são do padre Antônio Sérgio Girotti, conhecido popularmente como padre Tuti, da paróquia Nossa Senhora do Carmo, na Vila Maristela, o qual apontou que o processo canônico leva mais de dez anos para ser consentido. Ele explicou que o pedido tem que partir de uma entidade religiosa ou da própria Igreja, que realiza um minucioso estudo sobre o caso e busca a comprovação dos milagres pós-

²⁸ De 31 de outubro de 1998.

morte – entretanto, não há nenhum comentário sobre a viabilidade de Berta Lucia ser contemplada pelo processo.

1999:

O *Oeste Notícias*²⁹ comunicou que os que foram prestar lembranças aos parentes e amigos não se esqueceram de visitar o túmulo de Berta Lucia, localizado próximo ao quarto portão do Cemitério São João Batista, na Avenida da Saudade. Entre eles, estava a estudante Renata Rodrigues Ribeiro, de 22 anos, que levou uma boneca como forma de agradecimento pela graça alcançada:

– Há um ano, minha mãe pediu [a ela] para que eu sarasse da epilepsia. Desde então, nunca mais tive uma crise causada pela doença. Sou muito grata e estou pagando uma promessa.

A comerciante Maria Aparecida de Souza, 58 anos, também levava uma boneca todos os anos e, neste, como não poderia ser diferente, repetiu o feito:

– Tenho muita fé nela. A Berta Lucia é maravilhosa e sempre olha pelas minhas causas.

2000:

Mais uma vez, o *Oeste Notícias*³⁰ apontou erroneamente que Berta Lucia morreu em decorrência de uma “doença na garganta”. Na ocasião do dia de finados, o irmão Roberto retomou à reportagem que a menina foi inicialmente enterrada no antigo cemitério da cidade, localizado onde hoje está erguido o Terminal Rodoviário, até que mais tarde seus restos mortais foram transferidos para o Cemitério São João Batista, defronte ao cruzeiro central. Naquela época, o sepulcro passou a receber visitas de muitas pessoas que afirmavam terem sido atendidas pela garota e que, ao longo do tempo, contribuíram para a construção da capela. Roberto ainda reforçou que, somente no feriado dos mortos, são deixadas na edificação 300 bonecas, além de flores e dinheiro, que, somados às dezenas de cestas básicas recebidas por Ana mensalmente, eram destinados para os mais necessitados. O irmão também frisou a sua crença na capacidade milagreira de Berta Lucia:

– São muitas pessoas que conseguem alcançar graças após pedir a Berta Lucia, inclusive eu. Em todos os períodos difíceis da minha vida, peço ajuda a ela e sempre consigo o que quero.

²⁹ Edição 1.578, de 3 de novembro de 1999.

³⁰ Edição 1.889, de 2 de novembro de 2000.

³¹ Edição 2.194, de 2 de novembro de 2001.

2001:

O *Oeste Notícias*³¹ destacou que um dos primeiros milagres de Berta Lucia na esfera pública, de acordo com a irmã Eliana, envolveu uma vizinha da família que estava à procura do filho desaparecido. Naqueles dias, sua mãe teve uma intuição, pediu a intercessão da filha falecida e o menino reapareceu. Eliana também ressaltou o seu primeiro contato com a irmã por meio do sagrado, relatando a história da panela de feijão que explodiu sobre ela durante a infância. O periódico pontuou que, na data de publicação do exemplar, Ana contava 85 anos.

Ao *O Imparcial*³², a devota Irene Silva afirmou que costuma fazer um pedido a Berta Lucia todos os anos e sempre é correspondida. Além disso, mencionou que seu relacionamento com a menina não é exclusivo ao dia de finados, reservando outros períodos do ano para visitá-la no cemitério.

2002:

Conforme *O Imparcial*³³, o túmulo de Berta Lucia foi mais uma vez o mais visitado, sendo que, no interior da capela, “fotos e mensagens revelavam as graças e milagres produzidos pela menina”.

³² Edição de 3 de novembro de 2001.

³³ Edição 15.768, de 3 de novembro de 2002.

Havia também no local inúmeros presentes, como bonecas, bichinhos de pelúcia, bem como buquês de flores e depoimentos escritos, que enfatizavam as bênçãos recebidas. A reportagem repercutiu o fenômeno com a moradora de Regente Feijó, Regina Queiróz Ribeiro, que visitou a construção acompanhada de sua mãe, Maria Lourdes. Após deixar uma boneca de presente para a menina santa, ela explicou o motivo da devoção:

– Pedi a ela que fizesse meu irmão, que estava no Mato Grosso do Sul, voltar para casa e fui atendida.

2005:

Ao *O Imparcial*³⁴, a pensionista Maria Senhorinha dos Santos declarou que visitou a capela de Berta Lucia na manhã do dia de finados para pagar uma promessa pendente:

– Pedi para que ajudasse minha neta a se recuperar de um problema de saúde e hoje ela está ótima – permita-nos uma breve interrupção para observar que são poucas as edições nas quais há o interesse do repórter em questionar mais detalhes sobre os casos relatados; se a personagem se refere a um “problema de saúde”, por exemplo, não há qualquer referência acerca de qual seria. – Sempre acreditei nos milagres da garota, mas hoje minha fé e devoção são ainda maiores.

A aposentada Eudócia Bueno também compartilhou a razão que a levava até o sepulcro:

– Já recebi muitas graças [de Berta Lucia]. A mais recente foi um pedido de emprego para uma neta que precisava muito.

Ao *Oeste Notícias*³⁵, por outro lado, a dona de casa Irene Alvina de Oliveira relatou que acreditava ter sido curada de “uma doença no intestino” pela menina:

– Após meu pedido, não sinto mais nada há 20 anos, por isso venho agradecê-la.

2006:

*O Imparcial*³⁶ informou que, segundo fontes, assim que Berta Lucia foi enterrada, os milagres já começaram a acontecer. Garantem ainda que “há um álbum contendo todos os milagres que foram realizados por ela e fotos das pessoas com as quais ocorreram, muitas delas até de fora do país, como [no] Japão e [em] Portugal”.

Já ao *Oeste Notícias*³⁷, a prima da menina, Natalía, apontada com 82 anos, contou que, após a morte de Ana há até então três anos, passou a cuidar da capela:

– Nossa família considera muito bonita a aproximação e o carinho das pessoas.

³⁴ Edição 16.696, de 3 de novembro de 2005.

³⁵ Edição 3.427, de 3 de novembro de 2005.

³⁶ Edição 17.007, de 3 de novembro de 2006.

³⁷ Edição 3.736, de 3 de novembro de 2006.

É sinal de fé.

A afirmação da prima ganha força com a abordagem da dona de casa Miriam Aiko Yoshio, moradora de Tupã, no interior do Estado de São Paulo, para a qual “visitar o jazigo de Berta Lucia faz parte da tradição da família”:

– Muitas graças foram alcançadas por meus familiares graças a ela, principalmente na área da saúde. Tenho fé. Berta Lucia realmente opera milagres.

2007:

O *Imparcial*³⁸ noticiou que, ao longo do dia de finados, cerca de 1,5 mil pessoas visitaram a capela de Berta Lucia, no Cemitério São João Batista. Na ocasião, a irmã da menina, Eliana, contou que não teve oportunidade de conhecê-la, uma vez que a garota faleceu em um período de 24 horas, como relatado neste livro. Ainda que tenha sido submetida ao acompanhamento médico, não houve quadro de melhora em função da falta de recursos da época. Eliana reforça, entretanto, que a irmã já sabia que morreria, pois comentava com a mãe que “iria morar ao lado do Papai do Céu”. Isso não a impressionava, considerando que, desde muito pequena, Berta Lucia apresentava diferenças em relação às outras crianças da sua idade:

– Ela falava como adulta. Era muito inteligente para a idade que tinha – relatou Eliana.

O zelador João de Souza, por sua vez, afirmou à reportagem que os milagres concedidos pela menina eram incontáveis:

– São fatos impressionantes. Muitas pessoas têm seus pedidos atendidos e vêm me contar. Recentemente, uma mulher foi baleada e a bala não penetrou no corpo dela. Tudo por causa da sua fé em Berta Lucia.

Dentre os visitantes, estava a pensionista Terezinha Franco, que saiu de Carapicuíba, município da região metropolitana de São Paulo, para estar na capela:

– Minha mãe acreditava muito na criança. Por isso, vim pedir paz e proteção para os que se foram – comentou a mulher, que perdera seu marido e sua mãe há até então poucos dias. – Este é um momento delicado, então vim pedir forças para a nossa santinha.

O texto aponta que a aposentada Neusa Giraldi Rodrigues chegou a se emocionar ao falar de Berta Lucia:

– Meu filho vivia doente. Até os cinco anos de idade, ele não saía do médico. Comecei a orar para a menina e ele nunca mais teve nada. Sofreu cinco acidentes de

³⁸ Edição 17.318, de 3 de novembro de 2007.

automóvel e jamais teve um arranhão.

Já Arcanja Pereira Napoleão visitava a construção há mais de cinco anos, desde que a garota lhe ajudara a conseguir um emprego:

– Estava há muito tempo desempregada. Orei muito para a criança e, após três dias, fui contratada em um supermercado. Foi mesmo um milagre – ponderou.

Caso semelhante ocorreu ao filho da dona de casa Angélica de Oliveira:

– Foi muito rápido. Depois que fiz o pedido, meu menino logo estava empregado. Desde então, acendo velas e visito a capela sempre.

2009:

Uma história parecida com aquela narrada pela aposentada Neusa Giraldi Rodrigues, na edição de 3 de novembro de 2007 de *O Imparcial*, foi destacada pelo *Oeste Notícias*³⁹ nesse ano:

– Há 60 anos, eu sou devoto de Berta Lucia. Sobrevivi a três desastres de trânsito sem nenhum arranhão, então, todos os anos, eu agradeço a Deus em primeiro lugar e, em segundo, à Berta Lucia – afirmou o aposentado Alexandre Martinez, de 77 anos.

Nesta edição, o periódico apontou que cerca de oito a dez mil pessoas visitaram o túmulo no decorrer do dia de finados, de acordo com o até então encarregado-geral do Cemitério São João Batista, Carlos Alberto Lima, que, atualmente, é o administrador da necrópole.

2010:

*O Imparcial*⁴⁰ noticiou que, neste ano, os fiéis encontraram na capela de Berta Lucia um cartaz solicitando a contribuição de todos para o custeio da reforma, considerando que os familiares da menina são muito humildes e não tinham dinheiro para arcar com a revitalização do sepulcro. Embora ainda estivesse em bom estado, as melhorias foram destacadas como “fundamentais” para melhor atender aos devotos. Uma nova pintura, troca do piso e revestimento eram alguns dos itens planejados. Entre os visitantes, estava a dona de casa Eva Albertim, que ficou emocionada com um milagre alcançado e pela lembrança da filha, sepultada em Estrela do Norte, município da região de Presidente Prudente:

– Hoje não consegui ir até lá, então resolvi vir aqui como se estivesse visitando o túmulo da minha filha. Também estou agradecendo, pois o meu outro filho estava doente e foi curado, graças à menina [Berta Lucia].

³⁹ Edição 4.669, de 3 de novembro de 2009.

⁴⁰ Edição 18.246, de 3 de novembro de 2010.

2012:

Em seu último ano de circulação, o *Oeste Notícias*⁴¹ encerrou a repercussão sobre o fenômeno devocional em torno de Berta Lucia registrando que, no dia de finados, como acontecia todos os anos, a capela lotada de bonecas virou ponto de peregrinação. “Entre quem acredite em seus milagres e aqueles que não conhecem a sua história, o local do seu sepultamento atrai milhares de pessoas, não apenas no dia consagrado aos mortos”, finalizou o periódico.

2013:

*O Imparcial*⁴² destacou algumas histórias partilhadas por devotos, que aproveitaram a visita ao Cemitério São João Batista no dia de finados para passar pela capela de Berta Lucia. Foi o caso da aposentada Minalda Roma Rosa, que, no ano anterior, rogou para que um amigo fosse aprovado no vestibular:

– Hoje ele já está cursando a faculdade. Logo após a graça alcançada, eu pedi a ele um presente para trazer ao túmulo como forma de agradecimento – comentou a aposentada, que acredita que sua “saúde de ouro” é fruto da proteção da menina.

A devota Regina Rita da Silva Santos também fez a sua passagem:

– Desde pequena, eu ouço sobre a história dela e, todo ano, venho rezar por todas as crianças e jovens. Como ouvimos sobre tantas coisas ruins que acontecem com eles, precisamos estar sempre velando pelos seus cuidados.

2015:

Foi mencionado em *O Imparcial*⁴³ o testemunho da autônoma Aldanira Santos, de 52 anos, que afirmara ter diversos pedidos acatados por Berta Lucia:

– Ela atende qualquer tipo de desejo, mas geralmente as pessoas pedem para auxiliar nas questões da saúde, conquistar trabalho ou resolver aquele problema que tem incomodado – explicou.

A vendedora Dirce Alves, de 49 anos, também foi ao cemitério a fim de visitar o túmulo dos entes queridos, entretanto, antes de ir embora, passou pelo jazigo da menina para fazer uma prece.

– É uma tradição; uma questão de fé.

⁴¹ Edição 5.602, de 3 de novembro de 2012.

⁴² Edição 19.178, de 3 de novembro de 2013.

⁴³ Edição 19.795, de 3 de novembro de 2015.

2016:

No último ano analisado pelos autores para a composição deste livro-reportagem, *O Imparcial*⁴⁴ enfatizou o plano da irmã de Berta Lucia, Eliana, de levantar os testemunhos das graças recebidas pelos devotos, a fim de preparar a documentação necessária para entrar com um pedido de beatificação. Eliana ainda relatou ao periódico que, três dias antes de morrer, a garota disse que estava indo ao encontro de Jesus para, ao Seu lado, olhar por aqueles que eram movidos pela fé:

– É o que cremos e o que essas pessoas que acreditam no poder da fé e da oração entendem. Berta foi para Jesus. Ela voltou ao Pai.

A funcionária pública Vânia Passareli assim acredita:

– Há muitos anos venho visitar a capela. Todas as vezes que orei lhe pedindo qualquer coisa, fui atendida. Estou aqui com as minhas filhas para que elas sigam e tenham essa fé em seus corações.

Saindo da construção, a aposentada Lina Rosa da Costa, de 71 anos, se mostrava emocionada, conforme descreve a reportagem:

– O poder da fé move montanhas. Se cremos no amor de Deus e em Seu poder, tudo é possível.



⁴⁴ Edição 20.105, de 3 de novembro de 2016.



AGRADECIMENTOS

Não é possível contar uma história se não houver gente. Este livro, portanto, não é uma exceção. Agradecemos primeiramente às nossas famílias, que apoiaram a nossa decisão de seguir o jornalismo, mesmo quando tantos outros desacreditavam nesta profissão.

A todos os nossos professores, que nos acompanharam ao longo de quatro anos e contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

Também ao nosso querido orientador Tchiago Inague Rodrigues, pela confiança depositada, por todos os livros emprestados e por compartilhar conosco seu vasto conhecimento sobre literatura e jornalismo literário. Mais do que um orientador, foi um grande amigo e parceiro de trabalho.

Aos examinadores Fabiana Aline Alves e Wagner Caetano, que se propuseram a avaliar este livro e participar de um momento tão importante para nós.

À Eliana Galvão Martinelli, por abraçar o nosso propósito e abrir sua casa e seu coração, dividindo conosco todas as suas memórias e seus conhecimentos sobre a breve trajetória de Berta Lucia e o resistente fenômeno de fé em torno da irmã.

A todos os devotos, pelas experiências compartilhadas, sem as quais este fragmento da cultura popular prudentina não poderia ser explorado.

REFERÊNCIAS

A SANTA SÉ. **Perfil da Congregação para as Causas dos Santos**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_pro_20051996_po.html>. Acesso em: 9 set. 2017.

ANDRADE, S. R. A religiosidade católica e seus santos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH-PE, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364926943_ARQUIVO_ARELIGIOSIDADECATOLICAESUSSANTOS.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

BERNARDES, H. L. **Lugares para vivenciar o tempo às margens da Avenida Brasil**. 2012. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

JURKEVICS, V. I. **Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações da religiosidade popular**. 2004. 218 f. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LETRAS. **Sempre No Meu Coração**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/orlando-silva/1585093>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITO ANTONIO SANDOVAL NETTO. **Histórico da Cidade**. Disponível em: <<http://presidentepudente.sp.gov.br/museu/historico-municipalHistorico.jsp>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

RÁDIO VATICANO. **Causas dos Santos: novo regulamento sobre reconhecimento de milagres**. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/09/23/causas_dos_santos_novo_regulamento_sobre_reconhecimento_de_/1260329>. Acesso em: 9 set. 2017.





189

189

BERTA LUCIA

— a santa prudentina —



Nascida em 15 de novembro de 1939 e falecida em 16 de fevereiro de 1944, Berta Lucia Fonseca tornou-se postumamente célebre na região de Presidente Prudente em virtude de sua capacidade milagreira que povoa o imaginário popular, sendo designada “a santa prudentina“, da qual se afirma receber graças os que a ela intercedem. Embora sua santidade não seja reconhecida pela Igreja Católica, o culto à sua imagem se mostra resistente e perdura até os dias atuais, com destaque no dia de finados, quando centenas de romeiros se dirigem ao sepulcro da menina, localizado no Cemitério Municipal São João Batista, para fazer pedidos e orações ou agradecer as graças alcançadas.